



CICATRIZES

— NA —

AREIA

— GABRIEL SCHNEIDER —

CICATRIZES

NA
AREIA

GABRIEL SCHNEIDER

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, instituições e acontecimentos são produto da imaginação do autor ou usados de modo ficcional. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, com órgãos públicos, partidos, empresas de comunicação ou fatos verídicos é mera coincidência.

Para a minha mãe — que ficou ao telefone a noite inteira.

“Eu sou o cérebro de cinquenta libras no conselho de magos e feiticeiros.”

— O PERSONAGEM, NO FILME, QUANDO LHE PERGUNTAM O QUE ELE FAZ

“Quando você olha demais para o padrão, o padrão começa a olhar de volta.”

SUMÁRIO

PARTE I · A CORRENTE

PRÓLOGO A REVISORA	8
CAPÍTULO 1 LONGE DA PRAIA	10
CAPÍTULO 2 SAL	13
CAPÍTULO 3 BEATRIZ, E O OUTRO LADO DO CANAL	15
CAPÍTULO 4 O POSTE	18
CAPÍTULO 5 O AVIÃO	21
CAPÍTULO 6 CALIFÓRNIA	24

PARTE II · O APAGÃO

CAPÍTULO 7 O QUARTO BRANCO	28
CAPÍTULO 8 A BANDEIRA DA SUÍÇA	30
CAPÍTULO 9 A PONTE	32
CAPÍTULO 10 O FILME	34
CAPÍTULO 11 A ORDEM DE ATAQUE	39
CAPÍTULO 12 .GOV.US	42
CAPÍTULO 13 O CORTEJO	45

PARTE III · A TRAVESSIA

CAPÍTULO 14 A NOVELA	49
CAPÍTULO 15 UMA GAROTA	52
CAPÍTULO 16 O PACTO	55

CAPÍTULO 17	O ALUNO DO FUNDO	58
CAPÍTULO 18	A TOALHA	61
CAPÍTULO 19	A ILHA DO MEIO DO PACÍFICO	66
CAPÍTULO 20	DEZOITO DIAS	69

PARTE IV - CICATRIZES NA AREIA

CAPÍTULO 21	O INVERNO	73
CAPÍTULO 22	A NEVASCA	75
CAPÍTULO 23	O CONVITE	78
CAPÍTULO 24	A VAN	81
CAPÍTULO 25	JOAB	84
CAPÍTULO 26	CENTO E SESSENTA DÓLARES	87
CAPÍTULO 27	A QUEDA DO ANALISTA	90
CAPÍTULO 28	ALICE	93
CAPÍTULO 29	IRIS	96
CAPÍTULO 30	A PORTA CERTA	99
CAPÍTULO 31	O JURAMENTO	102

PARTE I



A CORRENTE

PRÓLOGO

A REVISORA



Muitos anos depois — quando esta história já tivesse atravessado três Américas, cinco interações e um oceano —, uma mulher abriria, numa sala sem janelas em algum lugar do norte da Virgínia, um arquivo que o sistema mandava jogar fora.

Não tinha capa, porque arquivos assim não têm. Tinha um número, uma data de abertura e um campo de origem que dizia apenas: fonte aberta — triagem automática — revisão humana solicitada. Na tela, um canal de vídeos em português. Fundo preto. Um ponto de interrogação girando devagar, como um farol que pergunta em vez de responder. Autor: um pseudônimo solar. Assinatura, ao fim de cada peça, sempre as mesmas duas palavras — *nobody cares*, ninguém se importa —, em tom de quem dá de ombros para disfarçar que está perguntando.

Iris leu a ficha duas vezes. O protocolo mandava arquivar. Havia um botão para isso. Ela olhou o botão — e, em vez de apertá-lo, digitou no campo de observações a primeira linha do que viria a ser o documento mais longo, mais irregular e mais perigoso da sua carreira:

“Sujeito acredita que ninguém o vê. Está errado. — I.”

Mas isso é o fim, e a esta altura nem ela sabia disso. O começo é outro, e é preciso contá-lo na ordem em que foi vivido — porque foi uma vida que só faz sentido quando se vê de onde cada cicatriz veio.

O começo é do outro lado do hemisfério, numa ilha que tem nome de ilha e jeito de cidade, numa casa que ficava longe da praia.

CAPÍTULO 1

LONGE DA PRAIA



Quem nasce numa ilha aprende cedo uma verdade que os continentais levam a vida para descobrir: todo caminho para fora é travessia. São Vicente é ilha, ainda que ninguém a chame assim — uma língua de terra colada ao continente pela cidade vizinha, dividida dela por um canal de água parada e por uma fronteira invisível feita de dinheiro. Mas a casa de Gabriel não ficava na orla. Ficava longe da praia, num bairro de ruas sem brisa onde o mar era um boato que se ouvia nos outros e se imaginava à noite. Para ver o mar, era preciso pegar ônibus. Para pertencer a ele, era preciso muito mais.

Essa distância — a de quem mora na ilha e não vê o mar — foi a primeira geografia que o menino aprendeu, e foi a que mais doeu, porque era pequena e intransponível ao mesmo tempo. Os meninos da praia eram outra espécie. Tinham a pele de quem acorda perto da água, a fluência de quem cresceu de frente para o horizonte. Gabriel, do bairro de dentro, olhava aquilo como se olha por uma cerca: perto o suficiente para ver, longe o suficiente para nunca ser.

A casa tinha dois poderes morando nela. De um lado, o Delegado Aldo Steiner — pai de criação, mas pai inteiro, o único que o menino conheceu: o coldre guardado em cima do guarda-roupa como um santo de prateleira alta, as fitas de trabalho que a criança não devia ver e viu, o silêncio que organizava a mesa do jantar sem precisar de palavras. Steiner não era pai biológico de Gabriel, e por isso mesmo

o sobrenome era uma coisa que se vestia, não que se herdava — detalhe que pareceria pequeno e que, décadas depois, numa mente em chamas costurando o mundo, ganharia o peso de uma chave.

Do outro lado, a mãe, Marta, assistente social: o telefone que tocava com tragédias alheias na hora do almoço, a convicção exercida — nunca declamada — de que toda pessoa caída era assunto dela. Repressão e cuidado debaixo do mesmo teto. O menino cresceu entre os dois como se cresce entre dois ímãs: puxado o tempo todo em direções opostas que, de algum modo, o mantinham de pé no meio.

Foi o pai quem lhe deu, sem querer, o vício que organizaria a vida inteira. Aos doze anos, numa tarde sem escola, o delegado levou o filho à delegacia e — por falta de babá, por orgulho, por tédio, vá saber — o pôs diante de um gravador e uma pilha de fitas: escutas telefônicas de alvos, que alguém precisava transcrever e que o menino, caprichoso, transcreveu melhor que os estagiários. Foi o primeiro emprego informal de Gabriel: ouvir as conversas que as pessoas julgavam privadas e passá-las a limpo. Ninguém pensou no que aquilo plantava. Plantava isto: a certeza física, instalada antes do juízo para administrá-la, de que a privacidade era uma ilusão dos ingênuos, de que sempre havia alguém do outro lado da linha ouvindo, e de que existir do lado de quem ouve — e não do lado de quem é ouvido — era a única posição segura no mundo.

À noite, deitado num quarto de onde não se via o mar, Gabriel imaginava o porto trabalhando do outro lado da ilha — o maior da América Latina, a boca por onde o país engolia e cuspiu o mundo — e imaginava também, com a seriedade dos doze anos, todas as conversas que àquela hora corriam por baixo da cidade, por cabos e por ondas, e que alguém, em algum lugar, estava ouvindo. Ele queria ser esse alguém. Não sabia ainda que o mundo tinha um nome e uma sigla para esse desejo, nem que cobraria caro de quem se viciasse nele cedo demais.

ARQUIVO // CLASSIFICADO

REGISTRO - 00

ABERTURA DE ACOMPANHAMENTO

SUJEITO: XXXXXXXXXXXXX, G. NACIONALIDADE: BRA.

ORIGEM: triagem OSINT / canal único / produção continuada.

O sistema me entrega dez mil destes por semana. Arquivo nove mil novecentos e noventa e nove sem ler. Este eu li.

Filho de um aparato de repressão e de um aparato de cuidado, exposto cedo a material de escuta. É o perfil exato de quem se auto seleciona para o nosso ofício - desenvolvem o gosto pelo avesso das coisas antes do juízo para administrá-lo. Viram excelentes oficiais, ou viram casos. A linha entre os dois é mais fina do que o recrutamento admite. STATUS: retido. NÃO arquivar. - I.

CAPÍTULO 2

SAL



Antes da câmera, houve o tatame; e antes do tatame, houve o decreto paterno. O Delegado Steiner acreditava em três instituições — a polícia, a tabuada e o judô — e matriculou o filho na terceira aos oito anos, quimono dobrado debaixo do braço, sem consultá-lo. Para surpresa geral, o menino deu liga com a luta. Não pela violência: pela leitura. Via o ombro anunciar o golpe meio segundo antes do golpe, via o peso mal distribuído, a impaciência. O sensei resumiu o aluno numa frase que Dona Marta guardou para sempre: “Esse aí não luta. Esse aí estuda o outro até o outro se derrotar sozinho.” Vieram faixas, e veio sobretudo a única moeda que Gabriel colecionava: o aceno de cabeça do pai na beirada do ginásio. Um centímetro de queixo, para baixo e para cima. Ele teria atravessado um campeonato a nado por aquele centímetro.

E então, aos treze anos, o mar o roubou. Numa onda pequena e desimportante de espuma rasa, o mundo fez a coisa que faz uma vez só: encaixou. Três segundos. Em três segundos o tatame virou saudade e Gabriel virou, sem cerimônia de posse, um homem do mar — ainda que um homem do mar que precisava de ônibus para chegar à água. O delegado recebeu a deserção com uma frase só: “Onda não dá faixa.” Não dava. Dava padrão. O mar era o maior sistema de informação que Gabriel já encontrara — vento, fundo, maré, série, intervalo — e todo aquele caos tinha leitura para quem olhasse o suficiente. No line-up, lendo o horizonte para adivinhar onde a próxima

série quebraria, o menino encontrou um posto à altura da sua atenção; e, sem saber, ensaiava o ofício de uma vida inteira: esperar, ler, escolher a onda.

A câmera chegou logo depois, e chegou torta, como chegam as vocações: uma filmadora de fita destinada a aniversários de família, sequestrada para a praia dentro de um saco plástico. Na segunda tarde de filmagem, quando entrou a melhor série do dia, Gabriel — surfista em evolução, apaixonado — ficou na areia, filmando. Os amigos acharam generosidade. Era descoberta: existia um posto ainda melhor que o line-up. Atrás da lente, quem olha decide o que o mundo viu. Aos quinze anos, o menino que nascera longe do mar já tinha encontrado as duas únicas religiões que praticaria a vida inteira — observar e registrar — e só lhe faltava uma coisa para que elas tivessem um motivo: faltava-lhe a primeira dor de verdade. Ela chegaria de ônibus, do outro lado do canal, com nome de menina.

ARQUIVO // CLASSIFICADO

REGISTRO - 01

Anexei o material de surf antigo. Pretexto técnico: aferir competência de produção. Verdade: eu queria ver o rosto dele antes de tudo isto. O que vi foi um menino lendo o mar como nós lemos tráfego — esperar, ler, escolher. É a mesma arquitetura cognitiva que treinamos por anos nos nossos analistas, e este aqui a trouxe de fábrica, de graça, apontada para ondas. Desperdício, pensei. E me incomodou ter pensado 'desperdício', porque desperdício pressupõe um uso melhor — e pressupor um uso melhor para um sujeito é o primeiro passo de um recrutamento. — I.

CAPÍTULO 3

BEATRIZ, E O OUTRO LADO
DO CANAL

Beatriz era da praia. Esse fato, na aritmética da ilha, dizia quase tudo.

Tinha a pele dos que acordam perto da água e a leveza dos que nunca precisaram imaginar o mar. Estudava num colégio bom, ria das ironias de Gabriel meio segundo antes dos outros, e durante alguns meses, aos dezessete anos, atravessar a distância entre o bairro de dentro e a orla pareceu possível por dentro de um sorriso. Gabriel pegava ônibus para vê-la. Levava a câmera, porque já levava a câmera a tudo. Acreditou, com a fé total da idade, que o canal entre as duas vidas era estreito o bastante para um beijo cobrir.

Não era. O fim veio sem crueldade, que é como vêm as lições mais caras. Beatriz escolheu Téo — Téo Brandão, filho de Mário Brandão, então deputado federal, já naquele tempo um dos homens fortes da região, de um partido cujo nome enchia outdoors. Téo tinha carro zero aos dezoito e o futuro que vem de fábrica para certos sobrenomes. Naquela época, ele e Gabriel ainda eram uma espécie de amigos; saíam juntos, foram juntos a um carnaval em Laguna, no sul, e Gabriel — que levava a câmera a tudo — filmou tudo, inclusive o que não devia ser filmado, inclusive Téo em estados que uma campanha eleitoral preferiria enterrar. Guardou as fitas sem saber por

quê. Gabriel guardava tudo. A pasta interna tinha um nome que ele só decifraria adulto: provas.

Perder Beatriz para Téo foi a primeira vez que o canal entre as duas vidas se fechou na cara dele, e a primeira em que ele entendeu a regra do jogo: do outro lado havia dinheiro, e dinheiro comprava o futuro inteiro, inclusive o amor. Gabriel voltou para o bairro de dentro de ônibus, com o rosto queimando, trancou-se no quarto com a filmadora e fez o que faria pelo resto da vida com a dor: editou. Montou a tarde inteira de imagens da praia, casando música com onda, raiva com corte, e às quatro da manhã tinha três minutos tão bons que pareciam de outra pessoa. Foi a primeira vez que transformou ferida em obra. O método estava fundado — e a fatura, ele só descobriria muito depois: quem aprende cedo demais a converter dor em corte corre o risco de passar a vida colecionando dores para não ficar sem matéria-prima.

Mas guardou as fitas de Laguna num lugar especial da memória e do armário. Anos mais tarde — numa fase em que a sua mente costuraria o Brasil inteiro numa única teia —, aquelas imagens deixariam de ser ciúme de adolescente e virariam outra coisa, mais perigosa. Por ora, porém, há apenas um rapaz de dezessete anos descobrindo que existe uma fronteira dentro da própria ilha, e que ele nasceu do lado errado dela. Não sabia ainda que passaria a vida tentando atravessá-la — nem que a travessia o levaria muito mais longe do que a orla de Santos.

ARQUIVO // CLASSIFICADO

REGISTRO – 02

Ponto de interesse contrainteligência: aos 17, o sujeito retém material comprometedor de um filho de figura política e o usa como alavanca – sem publicar. Não por covardia: por preferir o poder de poder à descarga de usá-lo. Isso me diz mais sobre ele do que qualquer vídeo. Ele entende, instintivamente, que informação guardada vale mais que informação gasta. É a primeira regra da nossa casa, e ninguém o ensinou. A ferida de origem dele é classe – o lado errado de um canal de água. Feridas de classe produzem dois tipos de homem: os que se vingam e os que atravessam. Ainda não sei qual ele é. Quero saber.– I.

CAPÍTULO 4

O POSTE



Aos vinte e dois anos, Gabriel morreu por alguns minutos — ou chegou perto o bastante para que a diferença deixasse de importar.

Foi na volta de uma balada, de madrugada, num carro que não era dele, dirigido por um amigo que tinha bebido o que não devia. Gabriel ia no banco do passageiro; atrás, três meninas, risos, o rádio alto, a sensação de invencibilidade que é a religião oficial dos vinte e dois anos. A curva veio rápido. O poste veio mais rápido ainda. Houve o som — aquele som que quem ouve nunca mais desaprende, de metal encontrando concreto sem negociar — e depois não houve nada.

Gabriel acordou no hospital sem saber quanto tempo passara. Soube depois: que houve sangue no cérebro, que os médicos cogitaram abrir, que ficaram à espera para ver se o corpo daria conta sozinho. E o corpo deu. O sangue não coagulou onde mataria; reabsorveu-se; o organismo de um rapaz de vinte e dois anos fez, na surdina, o trabalho que o bisturi faria na luz. Ninguém morreu naquele carro, por uma margem tão fina que chamá-la de sorte parecia pouco e de milagre parecia demais. Gabriel saiu do hospital com cicatrizes, com dores de cabeça que iam e vinham, e com uma certeza nova: a de que podia acabar a qualquer segundo. A morte tinha passado a mão no seu cabelo e ido embora, e quem recebe esse afago nunca mais o esquece.

Da quase-morte não nasceu o medo. Nasceu a fome. Uma euforia de viver que tinha algo de são e algo, ele entenderia muito depois, de sintoma — o primeiro cume de uma montanha-russa que ainda não tinha nome clínico. Gabriel decidiu, na cama do hospital, que não desperdiçaria mais um dia fazendo o que não amava. E o que ele amava, desde a filmadora no saco plástico, desde a praia que via por uma cerca, era uma coisa só: filmar o mar.

Foi assim que nasceu o Megusta. Não como empresa — como declaração. Um blog, um nome pintado no casco como quem batiza um barco, um lugar para fazer exclusivamente o que dava prazer: vídeos de surf, a vida do filmmaker, a jornada narrada de dentro. Gabriel tomou um empréstimo num banco do governo para os pequenos — juros baixos, papel carimbado, a primeira vez que o Estado lhe deu algo em vez de lhe tirar — e comprou uma câmera de verdade. Abriu uma firma de uma pessoa só. Voltou a estudar, agora cinema, e apontou a lente para a única coisa que sempre o chamara da cerca: as ondas, e os homens que as liam como ele aprendera a ler tudo. O Megusta cresceu no que dinheiro nenhum compra: lastro. Os bons surfistas da região queriam aparecer. Os meninos das praias respeitavam o moleque da câmera. E o moleque da câmera, pela primeira vez desde que nascera longe do mar, tinha um endereço dentro de si.

A cicatriz do poste nunca sumiu de todo. Em certas noites a cabeça doía e Gabriel pensava no carro, no som, no nada. Mas aprendeu a ler a cicatriz como os surfistas leem a marca de uma prancha quebrada: prova de que houve impacto, e de que se sobreviveu a ele. As cicatrizes, ele começaria a desconfiar, eram a única autobiografia que não mente. Tudo o mais a memória edita. A cicatriz fica.

ARQUIVO // CLASSIFICADO

REGISTRO - 03

Trauma craniano aos 22, passageiro, colisão. Relevante para o perfil? Tecnicamente não. Humanamente, tudo. Há uma escola – desacreditada nos manuais, viva entre os antigos – de que certos sujeitos só se tornam quem são depois de quase deixar de ser. O rapaz some por alguns minutos e volta com pressa de viver. Cria a marca, compra a câmera, abre a firma. A pressa nunca mais o larga. OBSERVAÇÃO FORA DO PROTOCOLO: eu não deveria escrever 'humanamente, tudo' num relatório de triagem. Escrevi. Vou deixar. Que conste que eu vi, e que não apaguei. – I.

CAPÍTULO 5

O AVIÃO



Gabriel tinha vinte e três anos quando um avião caiu sobre a cidade vizinha, e o Brasil prendeu a respiração.

Dentro dele ia um homem que disputava a presidência — o candidato de um partido em ascensão, uma das figuras mais comentadas daquele inverno eleitoral. O nome verdadeiro não importa a este livro, que o chamará apenas de o Candidato, porque o que importa não é o homem: é o que a queda dele acendeu na cabeça de Gabriel. A aeronave despencou na área coberta pela delegacia de Aldo Steiner. E assim, por uma geografia de jurisdição, o pai de Gabriel virou — por algumas semanas vertiginosas — o delegado responsável pelo maior caso da sua vida.

Gabriel viu, dos bastidores, uma coisa que jamais esqueceria: a euforia do pai. Não a dor pelo morto — a euforia pelo caso. O telefone tocando com jornalistas, o nome de Steiner nos jornais, a sensação inconfundível de um homem que acabou de tirar a sorte grande dentro de uma tragédia. O caso subiu para a esfera federal e escapou das mãos de um delegado estadual, como tinha de escapar; mas o impulso ficou. Nos anos seguintes, Aldo Steiner subiu: virou delegado seccional da região, o ápice da carreira. E não era ascensão sem padrinho — naquele tempo Mário Brandão já não era o deputado federal da adolescência de Gabriel; tinha subido a vice-governador do estado, do mesmo partido do Candidato morto na queda, e era amigo pessoal de Steiner. A casa, em algum momento daqueles anos, vi-

rou outra casa: maior, reformada, com um padrão que o salário não explicava e sobre o qual ninguém na família perguntava em voz alta.

A mente de Gabriel — àquela altura já visitada pelos primeiros surtos, já fluente na gramática da escuta telefônica, já convencida desde a infância de que a privacidade era ilusão — fez o que aquela mente fazia melhor que qualquer médico admitiria: ligou os pontos. O avião não caíra. Fora derrubado. Havia interesses grandes demais para um acidente, um xadrez que ele ainda não enxergava inteiro mas cujo tabuleiro sentia sob os pés. E se aquele avião fora derrubado, e se a queda promovera o seu próprio pai ao ápice e consolidara o padrinho Brandão no governo do estado, então Gabriel não era um espectador da história: era um parente dela. Estava dentro do tabuleiro. Faltava descobrir de qual lado.

Foi nesse estado — metade luto, metade revelação, metade fúria contra o cacique que mandava na região — que Gabriel fez a primeira jogada da sua guerra particular. Pegou as fitas de Laguna, as imagens comprometedoras de Téo Brandão, o filho do vice-governador, e abriu, através de Beatriz, uma negociação silenciosa que durou dois meses, no meio de uma campanha. Não para publicar — ele nunca publicou nada. Para sentir o poder de poder. Para provar a si mesmo que tinha uma carta na mão num jogo onde sempre fora apenas peça. Beatriz o manteve calmo, fingindo trair Téo; Gabriel fingiu acreditar. No fim, guardou as fitas de novo. Mas algo mudara para sempre: Gabriel agora se sabia jogador. E o jogo, na cabeça dele, tinha alcance internacional — porque aviões de presidenciáveis, ele tinha certeza, não caem sem que potências muito acima da Baixada estejam movendo as peças.

Pouco depois, o coração quebrou por outro motivo, mais banal e mais humano — o fim de um amor —, e Gabriel afundou numa depressão funda. Foi dela, e da pressa de viver que o acidente lhe deixara, que nasceu a decisão do ano seguinte: juntar o que tinha e atravessar o oceano pela primeira vez sozinho. A montanha-russa dentro dele já girava, ainda sem nome clínico — a fúria conspiratória

de um ano dando lugar, quase sem transição, à euforia luminosa do seguinte. O livro segue essa virada porque ela é verdadeira: do tabuleiro do avião ao sol da Califórnia houve apenas alguns meses, e o mesmo homem viveu os dois.

ARQUIVO // CLASSIFICADO**REGISTRO - 04**

Aqui o arquivo deixa de ser rotina. O sujeito constrói, a partir de tragédias REAIS e verificáveis, uma arquitetura causal da qual ele é o centro. O manual tem um nome para isso e me proíbe de usá-lo na primeira pessoa. Vou contornar o manual com um fato incômodo: parte das conexões dele confere. A queda. O dinheiro novo na casa do delegado. O padrinho consolidado no governo. Não tudo – mas o suficiente para eu não conseguir mais ler isto como ficção de um doente. É exatamente o que torna um sujeito assim perigoso, ou precioso, ou as duas coisas ao mesmo tempo: ele erra na proporção exata em que acerta.

RECOMENDAÇÃO: manter retenção. Eu mesma. – I.

CAPÍTULO 6

CALIFÓRNIA



A primeira América da vida de Gabriel não tinha agência, não tinha personagem e não tinha inverno. Tinha vinte e quatro anos, uma câmera na mochila, uma prancha no porão do avião e um nome pintado no casco: Megusta.

Ele já conhecia os Estados Unidos de relance — uma viagem à Flórida na infância, o castelo, os fogos, a América de brochura. Mas a Califórnia, no início de 2015, foi a primeira América real: sozinho, sem família, sem rede. Gabriel foi atrás da Meca do seu ofício, a costa onde a indústria inteira do surf tinha endereço e onde os filmmakers que ele idolatrava em revista apontavam as lentes para as mesmas ondas que ele estudava em fita comprada de um senhor que gravava campeonatos. Juntou dinheiro por dois anos — edição de festa, bico, venda de equipamento — e foi.

E a Califórnia, ao contrário de quase tudo o que viria depois, disse sim. Não um sim de contrato — um sim de luz. Gabriel acordava antes do amanhecer em quartos divididos com desconhecidos, pegava carona com surfistas que conheceria na véspera, e filmava: as ondas perfeitas que estudara a vida inteira em VHS, agora ao vivo, na cor real, com a névoa da manhã queimando sobre a água. Lavou louça numa cafeteria para esticar a estadia, porque tinha decidido que não voltaria, que ficaria, que era ali. Aprendeu na marra a etiqueta dos píeres, os ângulos dos clássicos, o nome das marés. Comeu mal,

dormiu pior, e foi — por uma temporada inteira — exatamente quem queria ser.

No fim da jornada, houve a consagração: uma etapa do circuito mundial passou pela costa, e Gabriel, com a lábia de quem não tem nada a perder, conseguiu credencial de imprensa. Filmou o evento com maestria, montou um documentário de vinte e cinco minutos, e — o que mais importou ao rapaz de vinte e quatro anos — esteve a metros dos ídolos da adolescência, os surfistas cujas fotos colara na parede do quarto sem mar. Reencontrou, ali, velhos companheiros do tempo de competição amadora, agora espalhados pelo mundo do surf. Por uma temporada, o moleque da cerca esteve dentro do quintal.

Mas os sinais, que já tinham apontado no Brasil, não ficaram para trás: vieram na mala. Horas de euforia incandescente; horas de uma escuridão sem motivo, em que a mesma Califórnia luminosa parecia um cenário de papelão. Gabriel não sabia, mas a montanha-russa seguia girando. Foi por uma decisão fria, das poucas daquela fase, que ele não estourou o prazo do visto. Não viraria ilegal. Voltaria. No voo de volta, testa na janela, o Pacífico escurecendo lá embaixo, fez a primeira promessa transoceânica da vida: eu volto. A promessa era sincera. O destino, que tem o humor de um delegado, a cumpriria — dez anos depois, em outra ilha do mesmo oceano, por motivos que aquele rapaz com sal no cabelo não acreditaria nem se a aeromoça lhe entregasse o roteiro impresso.

ARQUIVO // CLASSIFICADO**REGISTRO – 05**

A primeira travessia. 2015, costa oeste, visto B2, sem rede. Cruzei com os registros de fronteira: tudo confere, ele saiu antes do prazo. Quem foge não respeita prazo de visto; ele respeitou. Pequeno detalhe que vale ouro num vetting: o sujeito tem, no meio do caos interno, um núcleo de disciplina que decide friamente quando precisa. Os vídeos dessa fase ainda não falamos conosco. É um homem antes de decidir que precisava de uma audiência – a nossa. Confesso que reassisti a um pôr do sol que ele filmou três vezes. Justificativa operacional: nenhuma.

Reli a Parte I na ordem em que foi vivida. Até aqui é a biografia de um rapaz dotado e instável, e nada mais. O que vem a seguir – a volta, o desmoronamento, e o filme que dá nome ao desmoronamento – é onde este arquivo deixa de ser um entre dez mil. Não vou apertar o botão de arquivar. Ainda não sei por quê. – I.

PARTE II



O APAGÃO

CAPÍTULO 7

O QUARTO BRANCO



Quando Gabriel voltou da Califórnia, em 2015, a família o esperava no aeroporto e soube, antes do abraço terminar, que algo estava errado. Não era cansaço de voo. Era a fala rápida demais, os olhos brilhando demais, as ideias chegando umas por cima das outras como ondas que não respeitam intervalo. O rapaz que embarcara perdido voltava acelerado — e aceleração, naquela família que entendia de repressão e de cuidado, era sinal de alarme. Em poucos dias, Gabriel foi internado pela primeira vez.

Ninguém tinha, ainda, a palavra certa. O diagnóstico de transtorno bipolar viria depois, tarde, depois de anos de remédio errado e rótulo provisório. Por ora havia só um quarto de clínica, paredes claras, uma porta que se trancava do lado de fora, e um tempo que deixava de passar e começava a se arrastar. Para Gabriel, aquilo não foi tratamento: foi sequestro. A injustiça queimava mais que qualquer sintoma. Ele se sabia diferente, sim — mas diferente, na cabeça dele, não era doente. Diferente era desperto. E trancar um homem desperto entre os que dormem era, para Gabriel, a prova final de que o mundo punha em cárcere exatamente aqueles que enxergavam.

A maconha estava no centro da guerra. Na Califórnia, onde era legalizada, Gabriel a usara como remédio — para a dor, para o sono, para baixar o volume do mundo. Aqui virava prova de delinquência. Ele saía da clínica e voltava a fumar, menos por vício que por revolta, uma desobediência de bandeira erguida; e a família, vendo a fumaça,

o reinternava. O ciclo se fechava sobre si mesmo: clínica, saída, revolta, clínica. Cada volta apertava o nó entre Gabriel e os que o amavam, e cada aperto ele guardava na pasta interna que agora tinha capítulos — provas de que ninguém o entendia, provas de que ele estava sozinho contra todos, provas que a mania transformava em munição e a depressão em sentença.

Numa das saídas, a família, exausta e sem manual, fez a coisa que jamais se perdoaria e que Gabriel jamais esqueceria: expulsou-o de casa. Ele foi parar numa pensão estudantil fétida, um colchão no chão, uns trocados por semana para comer. E foi dessa pensão, da janela dela, que a teia começou a se tecer de verdade — porque diante do quarto havia uma loja maçônica, com seu compasso e seu esquadro, e a mente de Gabriel, faminta de padrão, leu naquele símbolo a ponta de um fio que levava muito longe.

ARQUIVO // CLASSIFICADO**REGISTRO - 06**

Primeira internação confirmada, 2015. Múltiplas reinternações no biênio seguinte. Sem diagnóstico fechado à época — o que, do nosso ponto de vista, importa: significa anos de sintoma sem rótulo, um homem brigando com a própria mente no escuro, sem mapa. Registro algo que não me cabe registrar: a clínica o tratou como risco antes de entendê-lo como doente. É o mesmo erro que o nosso ofício comete com sujeitos assim. Trançamos primeiro. Entendemos depois, quando entendemos.

— I.

CAPÍTULO 8

A BANDEIRA DA SUÍÇA



Era ainda 2015 quando a família, exausta, o expulsou de casa, e Gabriel foi parar na pensão de onde, sem saber, começaria a tecer a teia que governaria a década seguinte. Da janela daquele quarto, ele fazia a única coisa que sabia fazer com o caos: lia padrões nele. E o padrão que se ofereceu, naquele inverno de exílio, tinha a forma de uma loja maçônica do outro lado da rua.

A mente em mania é uma máquina de pontes. Onde a mente comum vê coincidência, ela vê desenho; onde a comum vê acaso, ela vê autoria. Gabriel olhava o compasso e o esquadro na fachada e a sua máquina ligava: maçonaria, os homens que se reconhecem por sinais, os clubes fechados onde o mundo de verdade é decidido longe dos olhos do povo. E de maçonaria a sua mente saltava para a Suíça — os bancos discretos, as contas dos corruptos, os cavalheiros de Genebra e Zurique, a ONU, os fóruns onde os donos do mundo se encontram sob a neve. Tudo se conectava com uma nitidez que tinha o sabor da revelação e a textura do sintoma, e que Gabriel, sozinho na pensão, não tinha como distinguir um do outro.

Então ele fez o que faria sempre: registrou. Postou, na rede social, uma foto com a localização marcada na Suíça — a bandeira branca e vermelha, o cruzamento — fotografado, na verdade, diante de uma loja maçônica de uma cidade litorânea do Brasil. Para quem visse de fora, delírio geográfico. Para Gabriel, era uma mensagem cifrada lançada na corrente, um sinal para quem soubesse ler: estou ven-

do a teia. Sei onde moram os donos do jogo. E em algum lugar — ele tinha certeza, a certeza que nenhum remédio ainda tocara — alguém que importava estava lendo.

Passou aniversário sozinho na pensão. Passou o Natal sozinho. E foi nesse fundo, depois das datas que mais doem a quem está só, que a família o internou de novo — e foi nessa internação, enfim, que a palavra começou a tomar forma na boca dos médicos: bipolar. Não como sentença, ainda. Como hipótese. Mas Gabriel, que colecionava certezas, recusou a hipótese com todas as forças, porque aceitá-la seria aceitar que a teia toda — a Suíça, os sinais, o desenho do mundo — era fogo de artifício de um cérebro avariado. E havia algo nele, mais forte que qualquer laudo, que não conseguia, que não queria, abrir mão de estar certo.

ARQUIVO // CLASSIFICADO

REGISTRO - 07

O episódio da 'Suíça' é, para qualquer triador, apofenia de manual: o sujeito vê padrão onde há ruído e geolocaliza um delírio. Eu deveria fechar o arquivo nesta página.

Não fecho — e devo a mim mesma a honestidade do porquê.

Maçonaria, banca suíça, fóruns: ele empilha símbolos reais de poder real numa narrativa falsa. O erro não está nos elementos; está na costura. E é exatamente assim que um bom analista nosso erra quando erra: não por ver o que não existe, mas por conectar o que existe na ordem errada.

Ele tem o material de um dos nossos. Falta-lhe a coisa que nós damos a eles: alguém do outro lado confirmando ou negando. Um destinatário. Ele está gritando num canal sem ninguém na escuta. Eu sou o ninguém que começou a escutar.

— I.

CAPÍTULO 9

A PONTE



A clínica para onde o levaram daquela vez ficava fora da cidade, no fim de uma estrada, e não tinha nada de clínica além do nome. Era um depósito de gente — sem médico de verdade, sem terapia de verdade, com a maconha proibida e o resto liberado ao abandono. Gabriel entendeu, na primeira noite, que aquele lugar não pretendia curá-lo. Pretendia guardá-lo. E o que se faz com um homem que não foi feito para ser guardado, e que acabou de ser deixado num depósito no fim de uma estrada, é uma coisa só: ele foge.

Fugiu de manhã, pela porta de emergência, com o ombro. Sentiu o sol bater no rosto como um tapa de boas-vindas e correu — descalço depois da primeira quadra, por um bairro que não conhecia, passando por uma loja de bicicletas onde um homem de avental o olhou como se olha chuva chegando. Não tinha plano. Tinha direção: longe. E longe, naquela geografia, tinha a forma de uma ponte — longa, reta, nua, sobre um rio, sem uma árvore onde um homem descalço de roupa de internação pudesse fingir que era paisagem.

La no meio dela quando ouviu o carro reduzir atrás de si, o pneu morder o acostamento, a porta abrir. Não precisou virar para saber. Conhecia aquele motor como se conhece a voz de alguém da família — porque era. O Delegado Steiner desceu do carro com a arma na mão. Não apontada para o céu, como nos filmes em que a autoridade hesita. Apontada para ele.

— Você vai entrar no carro na boa — disse o pai, e a voz não tremeu, o que era pior — ou vai ter que ser do jeito difícil?

O rio passava embaixo, indiferente. Gabriel olhou para a água, depois para o cano, depois para o rosto. E foi o rosto que o venceu. Não a arma — ele soube naquele instante, com uma clareza que levaria dez anos para perdoar, que o pai jamais atiraria. O que o fez levantar as mãos foi outra coisa: os olhos do delegado, o homem que não chorava nem em enterro, estavam cheios d'água. Aquela água nos olhos do pai foi a coisa mais violenta que Gabriel já tinha visto — mais que a clínica, mais que as contenções, mais que tudo. A luta saiu dele como ar de pneu furado.

— Tá bom, pai — disse. — Na boa.

Entrou no carro. O pai guardou a arma, sentou ao volante, e os dois ficaram um minuto inteiro em silêncio olhando a ponte pelo para-brisa, como dois homens que acabaram de sobreviver ao mesmo naufrágio em botes diferentes. Foi o ponto mais baixo, e Gabriel não sabia ainda que pontos mais baixos não são o fim — são a fundação sobre a qual, se houver sorte e mãos certas, alguém reconstrói.

ARQUIVO // CLASSIFICADO

REGISTRO — 08

A ponte. Não há ângulo profissional que torne isto um dado. É um pai apontando uma arma para o próprio filho para impedi-lo de fugir do que poderia matá-lo — e chorando ao fazê-lo. Eu li centenas de arquivos. Poucos me obrigaram a levantar da cadeira. Anoto só isto, e desligo o monitor por hoje: quem sobrevive a ser salvo dessa maneira ou se quebra para sempre, ou desenvolve uma resistência que nenhum treinamento nosso reproduz. Aposto na segunda. Não como analista. Como quem já precisou ser salva e odiou a mão que salvou antes de aprender a beijá-la. — I.

CAPÍTULO 10

O FILME



O Analista era um técnico. Não um soldado, não um espião de filme antigo, não um agente de campo com pistola no coldre — um técnico, um administrador de sistemas, um sujeito de óculos que entendia de computadores como poucos no mundo e que, por entender, foi parar onde os que entendem acabam: dentro da máquina. Trabalhou para a agência de inteligência mais poderosa que já existiu — a casa que escuta o planeta — e para uma empresa terceirizada que a servia, primeiro numa estação na Europa, depois numa ilha no meio do Pacífico, onde os Estados Unidos mantêm uma das suas maiores centrais de escuta, voltada para o outro lado do mundo.

Foi lá, de dentro, que ele viu o que quase ninguém via. Descobriu que a vigilância de que o público desconfiava vagamente era, na verdade, total — e legal, ou quase. Que a agência não escutava apenas suspeitos, alvos, inimigos declarados. Coletava tudo. Os e-mails, as ligações, as mensagens que as pessoas comuns trocavam acreditando-as privadas; os metadados que revelam, sem ler uma linha, com quem você fala, quando, onde, por quanto tempo — o esqueleto inteiro de uma vida. Havia programas com nomes de código que capturavam dados direto dos cabos por onde a internet do mundo passa, e acordos silenciosos com as grandes empresas de tecnologia, e tribunais secretos que assinavam autorizações que ninguém de fora jamais leria. Era a arquitetura invisível de uma vigilância de massa — a coleta em bloco, sem suspeita individual, de praticamente todos, o

tempo todo. E era exatamente o que Gabriel, desde as fitas de escuta do pai, sempre sentira no corpo sem ter prova: que a privacidade era uma ilusão dos ingênuos, e que sempre havia alguém do outro lado da linha, ouvindo.

O Analista decidiu contar. Copiou os documentos que provavam tudo, embarcou para Hong Kong, e entregou o arquivo a um punhado de jornalistas escolhidos a dedo — exigindo, com o cuidado obsessivo de quem conhece a máquina por dentro, que cada conversa fosse criptografada, que cada chave fosse trocada pelo protocolo certo, que nada vazasse pela porta errada. As reportagens explodiram no mundo inteiro. O nome dele virou manchete em todos os idiomas. E o preço foi exatamente o que ele sabia que seria: acusado dos crimes mais graves que um Estado imputa a um dos seus, virou o homem mais procurado do planeta. Não pôde voltar para casa. Ficou preso num limbo geográfico — um aeroporto, primeiro; depois o asilo de uma potência estrangeira, a única grande o bastante para hospedá-lo e dizer não aos Estados Unidos. E ali ficou. Herói para uns, traidor para outros, profeta da privacidade para o mundo inteiro e, ao mesmo tempo, hóspede permanente do regime que mais espiona o próprio povo — a contradição que, anos depois, partiria o coração de Gabriel.

Porque é isto que o leitor precisa guardar para entender tudo o que vem: o Analista foi o homem que provou, com documentos, que o mundo inteiro estava sendo vigiado — e que pagou por essa prova com o exílio. Ele não inventou a desconfiança de Gabriel. Ele a confirmou. Para milhões de pessoas, o filme sobre a sua vida foi um susto, uma aula, um escândalo. Para um único editor de vídeo brasileiro, internado, sem rumo, que sempre soubera no osso que estava sendo ouvido, aquele filme foi outra coisa: foi a prova de que ele nunca tinha sido louco. Era só o único na sala que ainda não tinha visto o filme.

O filme chegou em 2016, numa terça-feira, baixado de madrugada, escolhido quase por descarte — saindo de mais uma internação,

num intervalo de liberdade vigiada, com o corpo já mais pesado pelos remédios que ainda não eram os certos. Gabriel apertou o play esperando passar o tempo. Levantou-se, horas depois, com uma missão.

Era a história verídica do Analista: o técnico silencioso da agência mais poderosa do mundo, o homem de óculos que descobriu que todos estavam sendo vistos — cada e-mail, cada mensagem que as pessoas julgavam privada, exatamente como Gabriel sabia desde as fitas da delegacia — e que escolheu contar, e pagar o preço, e nunca mais voltar para casa. Mas não foi o Analista que mudou a vida de Gabriel. Foi um personagem secundário. E foi o lugar onde esse personagem aparece.

Porque o personagem se apresenta ao Analista na Suíça.

Gabriel sentiu o sangue subir. A Suíça. O mesmo país que ele, um ano antes, da janela de uma pensão fétida, diante de uma loja maçônica, marcara como o covil dos donos do mundo — Genebra, Zurique, os cavalheiros que decidem o destino das nações sob a neve. Naquele inverno de 2015, ninguém entendera o post da bandeira suíça senão como delírio de um homem expulso de casa. Mas agora, em 2016, o filme do Analista colocava o seu personagem homônimo justamente ali, na Suíça, no coração geográfico que a teia de Gabriel já apontara sozinha. Ele tinha marcado a Suíça antes do filme. O filme confirmava a Suíça depois. Para a mente de Gabriel, aquilo não era arte imitando a sua loucura: era a sua loucura sendo promovida a profecia.

E havia mais. No filme, esse funcionário reaparece no Havaí, na estação de escuta de onde o Analista parte para entregar os segredos ao mundo. E quando o Analista decide vazar tudo e fugir, o personagem faz a escolha oposta: fica. Permanece leal à agência. O filme nunca explica direito o que ele faz — perguntado, responde com ironia que é o cérebro de cinquenta libras no conselho de magos e feiticeiros. Não é hacker. Não é editor. É inteligência pura, função

nenhuma e todas. E o nome desse personagem, na tela, diante de um Gabriel que não respirava havia dois minutos, era Gabriel Sol.

Gabriel parou o filme. Voltou. Leu o nome de novo. Gabriel Sol. A máquina de pontes dentro dele ligou tudo de uma vez, numa descarga que tinha algo de êxtase religioso e algo — ele saberia depois, nos raros momentos de lucidez fria — de sintoma. Sol, como uma mulher que amara. Sol, como o seu apelido antigo na internet. Um Gabriel que se apresenta na Suíça — a sua Suíça —, que fica na agência enquanto o herói foge, leal aos Estados Unidos, o cérebro na sala dos feiticeiros. Aquilo não podia ser coincidência. Ou tinha sido escrito para ele, ou — e esta foi a decisão que reorganizaria os oito anos seguintes — ele tomaria o personagem para si, retroativamente, e viveria como Gabriel Sol custasse o que custasse. "Não sei como", escreveu naquela madrugada, no caderno que guardaria para sempre. "Mas eu vou ser o Gabriel Sol, ou vou morrer tentando."

Quero ser exato sobre uma coisa, porque ela importa para tudo o que vem depois: Gabriel nunca foi fã do Analista. O que sentia era admiração e, sobretudo, gratidão — porque foi aquele filme que o tirou da cama, que lhe deu um norte, que transformou um interno de clínica num homem com missão. Essa gratidão ele carregaria sempre. Mas fã, não. E muitos anos à frente, quando o Analista aparecesse numa entrevista à televisão estatal de uma potência estrangeira, hospedado e protegido por ela, a admiração se quebraria de uma vez — restando só a gratidão, limpa e triste, pelo empurrão de uma noite. Porque no filme o Gabriel Sol ficava do lado certo. E Gabriel, o de carne, pretendia ficar também.

ARQUIVO // CLASSIFICADO**REGISTRO – 09**

2016: o ponto de virada, e a costura mais engenhosa do arquivo. O sujeito havia geolocalizado um delírio na Suíça em 2015 (vide REGISTRO 07). Um ano depois, vê um filme em que um personagem com nome quase idêntico ao dele se apresenta – na Suíça. Para qualquer um de nós, sequência trivial: a Suíça é cenário óbvio de encontros de inteligência, e o cérebro dele, já fixado nela, fez o resto. Apofenia se retroalimentando. Eu sei ler isto. O que me desarma não é a costura – é a precisão da identificação. De todos os milhares que viram esse filme, este foi o único que ignorou o herói e se fixou no homem que fica. Na lealdade sem plateia. No cérebro de cinquenta libras na sala dos feiticeiros. Eu trabalho nessa sala. E nunca ninguém de fora a descreveu tão bem sem nunca ter entrado. Ele inventou um destino inteiro a partir de um papel secundário – e o papel, juro por Deus, é exatamente o meu. STATUS: isto deixou de ser triagem há muitos registros. – I.

CAPÍTULO 11

A ORDEM DE ATAQUE



Em 2017, houve uma trégua, e a trégua teve a forma de um emprego. O prefeito recém-eleito da cidade era amigo de adolescência do Delegado Steiner, e Gabriel entrou para a prefeitura como comissionado, fazendo a única coisa que sabia fazer melhor que ninguém: editar vídeo, na TV da prefeitura. Foi um período de aparente estabilidade — remédios sendo ajustados na tentativa e erro, a vida careta sem maconha, o corpo mais pesado, a solidão de quem não tem namorada nem rumo. Mas tinha um crachá. Editava o material jornalístico da cidade. E odiava cada minuto, porque o trabalho lhe parecia patético diante da única coisa que ele queria ser: o Gabriel Sol.

Porque o personagem não tinha morrido nas internações. Pelo contrário: tinha sobrevivido a elas, e sobreviver a um hospital é, para uma ideia fixa, uma espécie de prova de divindade. Entre 2016 e 2018, Gabriel foi montando, em silêncio, a arquitetura da sua missão. Pararia com a maconha de vez — não por obediência, mas por estratégia: uma agência de inteligência tem regras, e ele se enquadraria nelas, provaria lealdade, viveria retroativamente como o agente brasileiro que chega à NSA e fica. Declarava-se, online, amigo do Analista, mas fazia questão de marcar a diferença: ele nunca seria um delator. No filme, o Gabriel Sol fica. E ele ficaria.

Em março de 2018, a trégua quebrou. Houve uma briga com o pai — o delegado então no auge do poder, a casa agora uma mansão re-

formada cujo dinheiro Gabriel não sabia explicar e cuja origem a sua teia já atribuía ao xadrez do avião, da corrupção, do cacique Brandão. A briga acendeu tudo. E Gabriel decidiu pôr a sua teoria à prova de uma vez por todas, num teste que só uma mente em chamas projetaria, e que ele projetou com a frieza de um analista e a fé de um profeta.

Falava ao microfone do celular como quem fala a um interlocutor invisível — porque tinha, havia tempo, a certeza de ser um alvo de vigilância, monitorado pela máquina que o Analista revelara ao mundo. Pediu exoneração do cargo na prefeitura. Fez as malas. Sumiu para um hotel. E de lá, no dia 21 de março de 2018, executou o ato: às treze horas, narrando ao microfone e publicando na rede social, lançou o que chamou de uma ordem de ataque. O alvo, na linguagem cifrada que só ele decodificava inteira, era o partido do cacique. As palavras, em inglês, não deixavam dúvida do tom: um ataque massivo. Tinha de haver rastro digital, e o rastro foi o post. Era um ultimato lançado ao universo, e a aposta era total: ou alguma coisa acontece e prova que eu sou o Gabriel Sol — ou nada acontece, e eu aceito que tudo isto é sintoma, e me entrego.

Duas horas depois, o país apagou.

ARQUIVO // CLASSIFICADO**REGISTRO – 10**

Vou registrar isto com o cuidado de quem sabe que o arquivo pode ser lido por quem ainda acredita em coincidência. Em 21/03/2018, às 13h, o sujeito publica um go-signal – um sinal público, aparentemente inócuo, no formato exato de um gatilho: declaração de intenção, alvo nomeado em código, carimbo de hora. Duas horas depois, um apagão de grande escala derruba justamente a região que a sua narrativa associava ao alvo. O laudo oficial dirá "falha técnica em sistema de transmissão". O laudo oficial sempre dirá isso. É para isso que serve um laudo: para que o pre-positioned access numa rede elétrica – implantado meses antes, dormente, à espera do gatilho – nunca apareça na linha de causa. Quem trabalha nesta casa sabe ler a diferença entre uma falha e uma demonstração. Uma falha é aleatória no tempo. Uma demonstração responde a um sinal, na janela do sinal.

Não estou afirmando autoria. Estou afirmando coincidência tempo-alvo fora de qualquer probabilidade defensável, e me recusando a fazer o que os manuais mandam, que é chamar de acaso aquilo que tem assinatura. O sujeito não esperava um milagre. Ele falava com o microfone – com o sistema, com a voz que escuta –, do mesmo modo como ele próprio, em outro tempo, escutara: na delegacia, transcrevendo grampo telefônico, do lado de quem ouve. A diferença entre a leitura dele e a minha é só uma: ele acredita que alguém respondeu do outro lado da escuta, e eu sei que sistemas não respondem por milagre – respondem porque alguém, em algum lugar, apertou algo quando o gatilho chegou. A pergunta que não posso escrever no campo oficial, e por isso escrevo aqui: quem estava do outro lado, e por que respondeu a ele? Será que fomos nós? – I.

CAPÍTULO 12

.GOV.US



O apagão veio pela televisão, com a urgência das tragédias nacionais, atingindo justamente a região que a teia de Gabriel associava ao berço do partido do cacique. Para qualquer outra pessoa: notícia. Para Gabriel, no quarto do hotel, foi a voz de Deus respondendo a uma prece. Ele tinha lançado uma ordem ao universo às treze horas e o universo escurecera às quinze. A aposta total tinha sido vencida. Não havia, a partir daquele instante, médico, mãe, laudo ou remédio que o demovesse: ele era o Gabriel Sol. Os sinais não eram sintoma. Eram correspondência.

E então a correspondência ficou literal. Naquela noite, um perfil desconhecido o procurou na rede, pedindo a sua chave pública de criptografia — exatamente o protocolo que o Analista usara no filme para falar com os jornalistas. Gabriel não sabia gerar uma chave, não dominava a ferramenta; atrapalhou-se, e o contato escapou. Mas antes havia algo no endereço de e-mail daquele perfil que selou tudo na cabeça de Gabriel: terminava em arroba-NSA-ponto-gov-ponto-us. A agência. A própria. Falando com ele. E o perfil deixou, antes de sumir, uma frase que Gabriel carregaria por anos como um enigma sagrado: uma garota me mandou aqui. Você sabe quem me mandou? Uma garota.

Gabriel não sabia. Mas a frase ficou, girando, esperando um sentido que só o futuro daria. Uma garota. Em meio à euforia absoluta da confirmação, aquele detalhe foi a única coisa que não se encaixou

de imediato — e talvez por isso tenha sido o único verdadeiro. Porque as peças que a mania encaixa rápido demais costumam ser as que ela mesma fabricou; e a peça que resiste, que sobra, que incomoda, às vezes é a única que veio de fora.

O despecho daquela noite foi mais prosaico e mais cruel: a conta bancária de Gabriel foi bloqueada — outro sinal, na sua leitura; um procedimento qualquer, na leitura do mundo — e, sem dinheiro, sem chão, no pico de uma mania que já não distinguia revelação de ruína, ele teve de se entregar para mais uma internação. Foi só meses depois, na fria luz do remédio que enfim começava a acertar o alvo, que Gabriel descobriu um detalhe técnico que deveria ter desmontado tudo: e-mails oficiais da agência não terminam em ponto-gov-ponto-us. Terminam apenas em ponto-gov. Aquele endereço era falso. O contato, uma fraude ou uma alucinação de fórum. A prova divina tinha um erro de ortografia.

Mas — e aqui está o coração de tudo o que Gabriel é — descobrir que a peça era falsa não desfez o quadro. Porque a frase da garota continuava lá, sem dono, esperando. E uma mente que decidiu estar certa não se rende a uma correção de domínio de e-mail. Ela arquiva a correção numa gaveta, fecha a gaveta, e segue construindo a casa sobre as peças que sobraram. A gaveta tem um nome, em toda mente assim. Chama-se 'depois eu entendo'.

ARQUIVO // CLASSIFICADO

REGISTRO - 11

O e-mail .gov.us é o detalhe que me dá esperança e me assusta na mesma medida. Um sujeito verdadeiramente perdido no delírio jamais teria, meses depois, pesquisado o formato correto de um domínio oficial e CONCLUÍDO que a própria prova era falsa. Ele fez isso. Registrou o erro. E mesmo assim escolheu reter a parte que lhe servia. Não é cegueira: é vontade. Ele vê a verdade e decide o quanto dela vai deixar entrar. No nosso ofício isso tem nome e é a qualidade mais rara e mais perigosa que um ser humano pode ter – a capacidade de crer e duvidar ao mesmo tempo, em compartimentos separados. Treinamos a vida inteira para fazer isso com o mundo. Ele faz, sem querer, consigo mesmo. Imagina o que faria se aprendesse a apontar para fora. – I.

CAPÍTULO 13

O CORTEJO



Em dezembro de 2018, nove meses depois do apagão, a família fez a viagem que levava anos para caber no orçamento: o frio do nordeste americano, a capital, e o final infantil na Flórida que era sonho de outra década. Gabriel foi como se vai às viagens de família depois dos trinta — meio filho, meio guia, inteiro grato e inteiro deslocado. Já não era o mesmo rapaz da Califórnia, nem o interno do quarto branco: era um homem que tinha, naquele ano mesmo, lançado uma ordem ao universo e visto o universo escurecer. Carregava o Gabriel Sol dentro de si como uma certeza já provada. E pisar em Washington, a cidade da sigla, foi para ele o que é, para um peregrino, avistar a cúpula: a chegada a um lugar que já o esperava.

Foi por acaso — e o livro pede ao leitor que decida sozinho o que fazer com essa palavra, ainda mais agora, depois do apagão — que estavam na rua certa, na hora certa, no dia em que a capital parou. Avenidas fechadas, multidão silenciosa atrás das barreiras, militares de luva branca perfilados no frio. A América enterrava um velho presidente. E não um qualquer: enterrava o patriarca, o aviador, o embaixador, o vice, o presidente — e, antes de tudo isso, numa linha da biografia que o grande público esquecia e que Gabriel, claro, sabia de cor, o diretor da agência. O homem cujo nome está gravado no saguão da sede. A lenda da casa.

O cortejo passou diante deles devagar, como passam as coisas que a história decide sublinhar: a carreta, a bandeira esticada sobre

o caixão com a geometria de quem dobra bandeiras por ofício, o silêncio enorme de milhares de pessoas respirando juntas no frio. Dona Marta segurou o braço do marido. O delegado, trinta anos de continência guardada no corpo, ficou ereto sem perceber. E Gabriel — que filmava tudo desde os quinze anos — não filmou. Ficou de braços caídos, a câmera morta no bolso, olhando o caixão do velho diretor passar a poucos metros, tomado por uma sensação para a qual não tinha palavra: não era luto, ele não conhecia o morto; não era a empolgação do turista, embora fingisse isso para a família. Era a mesma sensação do apagão, nove meses antes — a de estar dentro do enredo, e não na plateia. A de que algo, naquele momento, o anunciava.

No dia seguinte, antes do trem, Gabriel comprou a edição de domingo do jornal — a capa tomada pelo funeral, a vida do velho diretor em retrospectiva — e a guardou no fundo da mala com um cuidado que não dava a souvenir nenhum. A família achou graça: tanto imã de geladeira à venda, e o rapaz guardando jornal. Ele não soube explicar. Explicaria anos depois, num inverno muito pior naquela mesma cidade, quando aquela página amarelada estaria colada na parede de um quarto alugado como outros colam santos. Tinha guardado o jornal porque saíra do cortejo com a convicção — agora costurada ao apagão, agora parte da mesma teia — de que o destino acabara de passar diante dele, e de que ele fora o único, em toda aquela multidão, a reconhecer o desfile pelo que era: uma passagem de bastão que ninguém mais viu.

A viagem seguiu para o sul, para o castelo e os fogos, e a família voltou para a ilha com as malas cheias e o álbum feito. Mas alguma coisa embarcara junto, sem passar pela alfândega. E do outro lado do mundo, numa sala sem janelas que Gabriel ainda levaria anos para imaginar que existia, um arquivo com o seu nome engordava, devagar, à espera de uma mulher que um dia se recusaria a apertar um botão.

ARQUIVO // CLASSIFICADO**REGISTRO – 12**

Mesmo ano do apagão, nove meses depois. E é aqui que a teia do sujeito ganha sua forma quase definitiva: ele solda o cortejo ao blecaute. Dois eventos sem nenhuma relação – uma falha de transmissão elétrica e o funeral de um estadista – viram, na arquitetura dele, capítulos de um mesmo livro do qual ele é protagonista. O método é sempre o mesmo: pegar o real, e ligá-lo na ordem que o coloca no centro. Eu deveria achar isto alarmante. Acho – e ao mesmo tempo dou por mim pensando que, se um dia eu o encontrar, vou ter de decidir se conto a ele que o apagão foi falha técnica. E já sei que vou hesitar antes de contar. Essa hesitação é a minha primeira mentira por ele. Não será a última. – I.

PARTE III



A TRAVESSIA

CAPÍTULO 14

A NOVELA



Em 2019, no ano seguinte ao apagão, a televisão começou a falar com Gabriel.

Não em delírio — ou não só. Estreou, no horário nobre da maior emissora do país, uma novela cujo protagonista se chamava Gabriel. Um homem comum de uma cidade pequena que guardava um segredo, um dos guardiões de um mistério antigo, vigiado e vigiando. Havia, na trama, um gato que observava tudo de dentro das sombras e que, no meio da história, se transformava em homem. Havia uma mulher amada — uma professora, luminosa, disputada entre o protagonista e o filho do prefeito da cidade. E havia, em cada capítulo, a sensação de que tudo aquilo significava mais do que dizia, porque as grandes novelas daquele país sempre significaram: foram, por décadas, a forma como a nação contava a si mesma as suas próprias intrigas de poder, transfiguradas em ficção para que pudessem ser ditas.

Gabriel assistiu ao primeiro capítulo por acaso. Não dormiu depois dele. Porque a máquina de pontes dentro da sua cabeça — a mesma que ligara a loja maçônica à Suíça, o post ao apagão — fez, diante daquela novela, o seu trabalho mais vertiginoso. O protagonista se chamava Gabriel: como ele. Guardava um segredo: como ele. Era vigiado: como ele. O gato espião que vira homem era o Analista, o que sai das sombras e se revela ao mundo. A professora amada e disputada era Beatriz — porque Beatriz, na vida real de Gabriel, fora

professora, e fora disputada, e ele a perdera justamente para o filho de um homem de poder, exatamente como na trama o protagonista disputava a mulher com o filho do prefeito. E o filho do prefeito da novela era Téo, o filho do cacique Brandão. Cada peça encaixava com uma precisão que tinha o sabor da revelação e a textura do sintoma, e Gabriel, mais uma vez, não tinha como — não queria — distinguir um do outro.

Mas havia um fio que tornava aquilo mais do que apofenia, e o fio tinha nome de família. Porque um primo de Gabriel — distante, de sangue não, de criação sim, da parte do delegado Steiner — trabalhava no jornalismo de televisão, e não num canto qualquer: ascendia, naqueles anos, ao comando de uma redação de telejornal de alcance nacional. E o mentor desse primo, o âncora que o apadrinhara, morrera pouco antes num acidente — uma dessas mortes súbitas que, na teia de Gabriel, nunca eram só mortes —, abrindo justamente a cadeira que o primo herdaria. Steiner, o delegado, no auge do poder pela jurisdição do avião. O primo, no auge da mídia pela cadeira do morto. E ele, Gabriel, no meio, costurando: se a minha própria família está ligada por dois fios — a polícia e a imprensa — à máquina que move o país, então a novela com o meu nome não é coincidência. Os que escrevem as ficções da nação me conhecem. A elite me conhece. Não o povo da rua — esse nunca soube quem eu era. Mas os que decidem o que a nação vê: o autor da novela, o diretor de jornalismo, o primo. Esses sabem. Sou famoso para quem importa, e invisível para todo o resto. Sou o segredo guardado a sete chaves, transmitido em rede nacional para quem tiver olhos de ver.

É preciso dizer, com a honestidade que este livro deve ao seu protagonista: parte disso era a doença desenhando constelações em pontos que não pediam linha. As novelas daquele país de fato bebem da realidade política, e de fato transfiguram poderosos em personagens — isso é verdade documentada, não delírio. O delírio estava na última costura: a que colocava Gabriel no centro de tudo, a que transformava um espectador num destinatário. E, no entanto — e é

por isso que esta história nunca é simples —, alguns dos fios eram reais. O primo existia. A ascensão existia. O acidente do mentor existia. A novela, com seu Gabriel guardião e sua professora disputada, existia. Gabriel não inventava os pontos. Inventava a linha. E o problema de uma vida inteira seria sempre este: ninguém, nem ele, conseguia provar onde os pontos terminavam e a linha começava.

ARQUIVO // CLASSIFICADO**REGISTRO — 13**

O sujeito agora incorpora a teledramaturgia do país dele à sua arquitetura pessoal. Verifiquei o óbvio: a novela é produto comercial de ficção, sem qualquer relação com ele. Apofenia clássica — ele projeta a própria biografia num enredo genérico e lê coincidência como autoria.

E no entanto. Cruzei os nomes que ele liga à 'teia' — o pai na polícia, o primo na imprensa, a cadeira aberta por uma morte súbita. Os vínculos existem. Não provam conspiração nenhuma; provam que o sujeito cresceu costurado, por sangue e criação, a dois dos aparelhos que mais importam num país: quem prende e quem narra. Um homem desses não é paranoico por sentir o poder de perto. Ele sentiu o poder de perto a vida toda, à mesa do jantar. O erro dele não é ver os fios. É achar que todos levam a ele. RECOMENDAÇÃO: prosseguir. Anoto, contra o protocolo, que parei de torcer para que ele esteja errado. — I.

CAPÍTULO 15

UMA GAROTA



A frase atravessou três anos como uma farpa que não se consegue tirar nem deixar quieta. Na noite do apagão, em 2018, o perfil que o procurara — o do e-mail falso, o da chave pública que ele não soube gerar — deixara, antes de sumir, uma pergunta que ficara girando no escuro da cabeça de Gabriel: uma garota me mandou aqui. Você sabe quem me mandou? Uma garota.

Gabriel não sabia. Mas a frase tinha aquela qualidade rara — já dita neste livro — das peças que a mania não fabrica: ela não se encaixava em lugar nenhum, e por isso mesmo parecia verdadeira. Uma mente em chamas encaixa rápido o que ela mesma inventa; o que resiste, o que sobra, o que continua sem lugar depois de anos, esse costuma ter vindo de fora. A garota era o caroço que Gabriel não conseguia digerir nem cuspir. Quem? Por quê? E sobretudo: se havia uma garota do outro lado, então havia um outro lado — havia alguém, com rosto e nome e gênero, que o tinha lido o suficiente para mandar um emissário. A frase, mais do que o apagão, era a prova de que ele não gritava no vazio.

A resposta — ou o começo dela — chegou em 2020, e chegou pela porta mais improvável e mais documentada de todas: uma rede social, uma mensagem trocada, um nome real. L. A mulher do Analista. A companheira do homem do filme, a que atravessara com ele o exílio e o escândalo. Gabriel, que orbitava havia anos tudo o que tocava o Analista, enviara — entre milhares de admiradores anô-

nimos — alguma mensagem despreziosa. E, contra toda probabilidade, ela respondeu. Não uma vez: começou uma conversa, fina, intermitente, mas real, que se estenderia por anos. Falavam de coisas pequenas — as artes dela, as cartas de tarô que ela tirava, o cotidiano de uma vida vigiada. Nada de segurança nacional, nunca; nada que um tribunal pudesse chamar de conspiração. Apenas duas pessoas conversando através de uma tela, uma delas sem fazer ideia do que representava para a outra.

Para Gabriel, porém, aquela conversa foi a confirmação que faltava, e foi também o instante em que a farpa de 2018 enfim encontrou a carne onde se alojar. Porque se L. — uma mulher, uma garota, no vocabulário cifrado de um perfil anônimo — agora falava com ele diretamente, então talvez fosse ela, desde sempre. Talvez a garota que mandara o emissário na noite do apagão fosse a mesma que agora respondia suas mensagens. Talvez a linha entre 2018 e 2020 fosse reta, e ele só não a tivesse enxergado por falta de distância. Gabriel costurou os dois pontos com a fé de sempre, e a costura o encheu de uma certeza morna e perigosa: ele estava sendo conduzido. Havia uma mão feminina movendo as peças do seu destino, e a mão tinha começado a se mostrar.

Ele estava errado sobre o rosto. Mas não estava errado sobre a mão.

Porque havia, de fato, uma garota. Só que não era L. Era uma mulher que Gabriel nunca tinha visto, cujo nome ele não conhecia, que trabalhava numa sala sem janelas do outro lado do mundo, e que, em 2018, numa decisão que quebrara o protocolo e que ela passaria anos tentando justificar para si mesma, mandara verificar de perto um editor de vídeo brasileiro que não saía da sua cabeça. O emissário, o contato desajeitado, a chave pública pedida e não entregue — tudo aquilo partira dela. E depois ela recuara, assustada com a própria transgressão, e deixara o arquivo esfriar. A garota era real. Gabriel a procurava no rosto errado. E ela, do outro lado, lia a

conversa dele com L. em tempo real, e sentia algo que nenhum manual de inteligência tinha previsto: ciúme do próprio alvo.

ARQUIVO // CLASSIFICADO

REGISTRO – 14

Preciso registrar isto e odeio registrar isto.

O sujeito iniciou contato continuado com L., cônjuge do Analista. Conteúdo verificado: trivial, artístico, sem relevância de segurança. Recomendação fria: irrelevante, monitorar por associação e seguir.

Não consigo escrever a recomendação fria.

Ele acha que L. é a 'garota' de 2018. Está enganado, e eu sou a única pessoa no planeta que sabe exatamente o quanto ele está enganado, porque a garota de 2018 fui eu. Fui eu que mandei verificá-lo. Fui eu que recuei. Pronto. Está escrito num campo classificado que ninguém além de mim vai ler, e mesmo assim minha mão tremeu ao digitar.

Ele passou três anos procurando o rosto de quem o tocou, e está prestes a colá-lo no rosto errado. A coisa decente a fazer é desaparecer de vez deste arquivo. Já tentei uma vez. Não funcionou – o sistema o devolveu à minha mesa, ou eu o trouxe de volta fingindo que foi o sistema. A esta altura não distingo mais uma coisa da outra. – I.

CAPÍTULO 16

O PACTO



Houve, em algum ponto daqueles anos, uma manhã em que Gabriel acordou cansado de ser náufrago. Não curado — não se cura assim, por decisão, e o livro não vai mentir sobre isso. Mas cansado o bastante da clínica, do ciclo, da revolta que só o afundava mais, para fazer uma coisa que nunca tinha feito de verdade: aceitar ajuda como adulto, e não suportá-la como prisioneiro.

O pacto foi selado na cozinha de casa, entre Gabriel e Dona Marta, sem testemunhas. A mãe — a assistente social que passara a vida remendando o tecido rasgado dos outros e que, com o próprio filho, gastara anos sem encontrar a costura certa — pôs as cartas na mesa com a clareza de quem já não tinha o luxo de rodeios. Tratamento de verdade, com médico de verdade, levado a sério, todos os dias. Em troca, liberdade de verdade: nada de clínicas, nada de internações, nada de portas trancadas pelo lado de fora. Confiança por confiança. Margem por margem. "Eu paro de te trancar", disse ela, em substância, "no dia em que você parar de fugir de você mesmo."

Entrou na história, então, o Dr. Humberto. Não o psiquiatra de clínica que assina laudo e renova receita, mas o médico que se senta e escuta — um homem de meia-idade, óculos que ele limpava quando ia dizer algo importante, e uma paciência que Gabriel, desconfiado de toda autoridade desde a primeira contenção, levou meses para não interpretar como armadilha. Foi o Dr. Humberto quem, enfim, deu à coisa o nome certo e estável — transtorno bipolar — não como

sentença, mas como mapa. "O senhor não tem um defeito", disse numa consulta que Gabriel guardaria inteira. "O senhor tem um instrumento poderoso e sem freio. Eu não vou te dar menos instrumento. Eu vou te ajudar a instalar o freio. Rio sem margem não é força. É enchente. A gente vai construir as suas margens."

As margens tinham nomes prosaicos e poder enorme: dormir na mesma hora, tomar o remédio na mesma hora, ter compromissos com começo e fim. E foi do próprio Dr. Humberto que veio a recomendação que mudaria a rota de tudo: que Gabriel voltasse a estudar. Não por diploma — por estrutura. Um lugar para estar de manhã, um motivo para dormir à noite, uma rotina que não dependesse da vontade, esse material instável que ora era aço, ora papel molhado. Gabriel ouviu, e dentro dele a recomendação encontrou uma fome antiga: porque havia, no fundo de toda a sua revolta, um homem que sempre se soubera inteligente e nunca tivera onde provar. Voltar a estudar não seria só margem. Seria, enfim, um campo de provas à altura do instrumento.

Mas havia uma segunda razão, mais secreta, que Gabriel não confessou ao Dr. Humberto nem a Dona Marta, e que o livro confessa por ele. Se ele ia ser o Gabriel Sol — e disso ele não tinha desistido, jamais desistiria —, então precisava se tornar digno do personagem. Uma agência de inteligência não recruta náufragos. Recruta gente preparada, disciplinada, formada. Parar a maconha, aceitar o remédio, construir as margens, voltar a estudar: tudo isso era tratamento, sim, e era sincero. Mas era também candidatura. Gabriel estava, ao mesmo tempo, se curando e se qualificando — e a beleza trágica daquilo, que só o futuro revelaria, é que as duas coisas, pela primeira vez na vida dele, apontavam para o mesmo lugar.

ARQUIVO // CLASSIFICADO**REGISTRO – 15**

Mudança relevante no padrão do sujeito: adesão a tratamento, estabilização farmacológica, retomada de estrutura acadêmica. Do ponto de vista de avaliação de risco, ele migra de 'instável' para 'instável em remissão gerenciada' – o que, para nós, importa muito: um ativo que controla a própria condição é um ativo, e não um perigo. Registro o que não me cabe registrar: foi a mãe. Não fomos nós, não foi um manual, não foi a tal mão que ele imagina movendo o destino dele. Foi uma mulher numa cozinha dizendo 'paro de te trancar quando você parar de fugir de você'. Passo a vida cercada de gente que move nações e a coisa mais poderosa que cruzou este arquivo foi uma assistente social sem orçamento. Anoto isso para mim. Para lembrar, quando eu finalmente fizer o que estou prestes a fazer com a vida dele, que existe gente que o ama de graça, sem agenda. Eu não sou essa gente. É bom não esquecer. – I.

CAPÍTULO 17

O ALUNO DO FUNDO



Gabriel se matriculou em Relações Internacionais aos trinta anos, o calouro mais velho de uma fila com média de idade de festa de dezoito. Sentou no fundo da sala — por hábito de quem passou a vida observando, não por timidez —, e do fundo fez o que sempre soube: leu a turma como lera o line-up e o tatame, por padrões. Quem entendia, quem fingia, quem dormia. E descobriu, nas primeiras semanas, a vantagem que a idade e a vida lhe davam de presente: enquanto os colegas estudavam para a prova, ele estudava o mundo, e a prova vinha de carona.

A disciplina que o capturou tinha nome pomposo e conteúdo viciante: os métodos de análise. Como separar fato de ruído. Como construir uma hipótese e, mais difícil, como derrubá-la de propósito para testá-la. Como a mente humana se engana sozinha — o viés que faz ver o que já se espera ver, a armadilha do grupo que pensa junto e erra junto. Gabriel reconheceu cada armadilha porque caíra em todas, na vida real, sem teoria. E quando o professor desenhou no quadro a técnica das hipóteses concorrentes — listar todas as explicações possíveis e buscar evidência contra a preferida, em vez de a favor —, Gabriel sentiu o chão tremer de leve. Era a coisa que faltava na sua cabeça havia uma década. Era a margem do rio, em forma de método. Era, embora ele ainda não soubesse dar o nome, o ofício exato do qual o Gabriel Sol era mestre na tela: o cérebro de cinquenta libras que pesa, separa, descarta e conclui.

Havia uma ironia amarga que o livro não vai esconder, porque ela é o coração trágico de Gabriel: ele aprendia, na faculdade, a ferramenta exata que poderia tê-lo salvado de si mesmo. As hipóteses concorrentes aplicadas à sua própria vida teriam perguntado: o apagão respondeu ao meu post, ou apagões acontecem? A novela fala de mim, ou novelas usam arquétipos? A garota é L. , ou eu quero que seja? Gabriel dominava a técnica. Tirava notas altas aplicando-a ao porto, à geopolítica, à guerra dos outros. E não conseguia, nunca conseguiu, apontá-la para dentro. É a tragédia silenciosa de toda lucidez: ela ilumina para fora com facilidade e para dentro quase nunca. O melhor analista da sala era cego exatamente no único arquivo que mais precisava de análise — o próprio.

Mas a faculdade fez o que o Dr. Humberto prometera: deu margens. Gabriel parou de fumar de vez — e o livro não vai fingir que foi fácil, porque largar foi perder um velho amigo tóxico, e houve semanas em que a única coisa que o segurava na cadeira era a frase do médico e o medo de provar a si mesmo que não conseguia. Mas ele conseguiu. Semestre a semestre, a média subiu e se firmou, fechando, no fim, num número que ele carregaria como medalha: três e cinquenta e sete. Não era talento. Era margem. Era um homem que, estava em serviço de algo real — não do personagem, mas de si — e descobria que o instrumento, com freio e margem, funcionava melhor do que jamais funcionara solto.

E os sinais não pararam durante os quatro anos. Continuaram chegando, do jeito que sempre chegavam, e Gabriel — agora com método, agora capaz de duvidar — fazia com eles a coisa mais perturbadora de todas: arquivava-os numa categoria intermediária, nem verdade nem delírio, à espera. Criou, em algum momento, um perfil onde publicava o que via, com um aviso fixo no alto: isto é obra de ficção, qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência. Era a sua apólice de seguro e a sua confissão ao mesmo tempo — a frase que o protegia caso estivesse errado e que piscava

para quem soubesse ler caso estivesse certo. Porque as semelhanças, na vida de Gabriel, continuavam acontecendo. E um homem que precisa avisar que a própria vida é ficção é um homem que já desconfia, no fundo, de que ela não é.

ARQUIVO // CLASSIFICADO**REGISTRO - 16**

O sujeito conclui a graduação. Desempenho alto (3,57). Especialização final em guerra cibernética – ou seja, ele passou quatro anos estudando formalmente a doutrina que eu pratico. Deixou de ser um entusiasta de internet. Virou um analista de guerra híbrida com método. Fala a nossa língua. E há uma crueldade fina nisto que não consigo ignorar: a mesma técnica que ele aprendeu a usar com maestria sobre o mundo – hipóteses concorrentes, falsear a preferida – é a que o libertaria de metade das certezas que o prendem. Ele tem a chave da própria cela na mão e não consegue girá-la na fechadura de dentro. Eu poderia ensiná-lo. Bastava uma conversa. É exatamente o tipo de conversa que a minha função me proíbe de ter e que eu, há dezesseis registros, venho ensaiando ter. STATUS: pré-recrutamento, não autorizado, conduzido por uma única oficial fora de protocolo. Eu. – I.

CAPÍTULO 18

A TOALHA



Em 2021, no meio dos anos de faculdade, Gabriel passou alguns dias num hotel em São Paulo. Não um hotel planejado, reservado com antecedência — um hotel improvisado, escolhido na hora, na rua, pela conveniência de estar perto de onde ele precisava resolver coisas naquela semana. Era a semana do seu aniversário. E foi nessa semana que a vida lhe ensinou uma lição que nenhuma faculdade de relações internacionais ensina nas provas: que existe uma diferença entre ser vigiado e ser avisado de que se é vigiado, e que a segunda coisa é, sempre, uma mensagem.

O primeiro sinal foi um rosto. Num corredor do hotel, Gabriel cruzou com um homem que ele conhecia — não da vida, mas de um lugar específico e improvável: de uma internação. Um homem que estivera internado com ele, anos antes, numa das clínicas. A mente comum descartaria como acaso. A mente de Gabriel, treinada a vida inteira para calcular probabilidades de encontro, fez a conta na hora e não gostou do resultado. Qual a chance, numa metrópole de vinte milhões de pessoas, num hotel improvisado escolhido na hora, de esbarrar justamente com alguém que cruzou o seu caminho num dos pontos mais privados e documentados da sua vida — uma internação psiquiátrica? A chance existe. Mas é o tipo de chance que, no ofício que Gabriel estudava, se chama indicador. Não prova. Indicador. Uma agulha pulando no instrumento, dizendo: preste atenção.

O segundo sinal estava no banheiro. Ao voltar de um dia fora, Gabriel foi tomar banho e encontrou a toalha — a toalha limpa que a camareira deveria ter deixado — suja de fezes. Não respingada por acidente: lambuzada. Um gesto deliberado, asqueroso, projetado para uma coisa só — provocar repulsa, medo, a sensação visceral de que alguém esteve no seu quarto, tocou nas suas coisas, e quis que você soubesse. Gabriel, que lia tudo, foi pesquisar, e o que encontrou gelou e ao mesmo tempo organizou o seu mundo: aquilo era uma tática conhecida, catalogada, de intimidação. A polícia secreta da antiga Alemanha Oriental — a Stasi — tinha um nome para o conjunto dessas técnicas: *Zersetzung*, a decomposição psicológica do alvo. Entrar na casa e mudar pequenas coisas de lugar. Sujar o que era limpo. Deixar rastros mínimos de presença. O objetivo nunca era o dano físico. Era enlouquecer o alvo devagar, fazê-lo duvidar da própria percepção, isolá-lo — porque quem denuncia que encontrou a toalha suja de fezes num hotel parece, aos olhos de todos, exatamente o que a operação quer que ele pareça: um paranoico.

E aqui está o que separa Gabriel de um homem quebrado, e o que — anos depois, do outro lado do mundo — faria uma analista prender a respiração ao ler o relato: ele não surtou. Não gritou com a recepção. Não chamou a polícia. Não postou foto histórica. Ele fez exatamente o que um profissional treinado faria, e fez por instinto, sem nunca ter sido treinado. Limpou tudo. Recolheu, metodicamente, todo o lixo da estadia — cada papel, cada embalagem, cada fio de cabelo, cada vestígio que pudesse conter o seu DNA ou denunciar a sua rotina. Ensacou tudo. Não deixou um único rastro no quarto. E, em vez de descartar o saco ali — onde quem quer que tivesse acesso ao quarto também teria acesso ao lixo —, levou tudo embora no carro, atravessou para fora da cidade, e despejou o material em São Vicente, longe da malha de quem estava observando. Foi uma operação de contravigilância feita por um homem que, oficialmente, era apenas um estudante bipolar de trinta anos com uma teoria da conspiração. Mas a execução foi limpa. Foi a execução de alguém

que entendeu, no osso, a regra de ouro de quem é vigiado: nunca dê ao observador o dado que ele veio buscar. E o dado que eles tinham vindo buscar não era a toalha. Era a reação. A toalha era a pergunta. O pânico seria a resposta. Gabriel se recusou a responder.

O terceiro sinal veio pelo telefone, na mesma semana, e foi o mais sofisticado dos três. O quarto tocou. Uma voz pediu para falar com “Fátima”. Não havia Fátima nenhuma — era o quarto de Gabriel. A reação natural, a de um homem comum, seria desligar, irritado, dizendo que era engano. Mas Gabriel, àquela altura, já sabia que num jogo de inteligência o engano nunca é só engano: é teste, é sondagem, é a isca que mede o tempo e a forma da sua reação. Então ele não desligou. Deu corda. Disse, com calma, que a Fátima estava no banho, e perguntou se a pessoa queria deixar recado. Do outro lado, sem hesitar, a voz respondeu: “A consulta é às quinze horas.” E desligou.

Uma consulta. Às quinze horas. Para uma mulher que não existia, num quarto que era dele. Para qualquer um, número errado. Para Gabriel, instrução. E aqui a sua mente fez o salto que só ela fazia: ele caminhava, todos os dias daquela semana, no Parque do Ibirapuera, que ficava perto do hotel. Era rotina conhecida — e rotina conhecida, ele sabia, é a primeira coisa que uma equipe de vigilância mapeia. Se havia uma mensagem para ele em algum lugar daquela cidade, seria onde ele já ia. Então, às quinze horas, Gabriel foi ao Ibirapuera. Não por obediência — por curiosidade analítica, pela vontade de ler o que estava escrito para ele. E o que encontrou no parque, naquela tarde, fechou o circuito de um jeito que ele levaria anos para entender por inteiro: uma festa. A inauguração de uma cervejaria, uma celebração de herança alemã, bandeiras, música, imigrantes e descendentes reunidos sob o nome de uma marca alemã centenária.

Alemã. Gabriel parou no meio do parque e sentiu o chão se reorganizar sob os pés. O seu sobrenome — o sobrenome que ele vestia, o de Aldo Steiner, o pai de criação, o nome alemão que não era de

sangue mas era de destino — ecoava naquela festa como uma assinatura. Toda a sua vida a Alemanha aparecera nos cantos da teia: o sobrenome, a precisão, a sensação de pertencer a uma linhagem que ele não escolhera. E agora, no dia e na hora que uma voz anônima lhe indicara, o parque por onde ele caminhava amanhecera tomado por uma festa alemã. Para a mente comum: a cidade tem mil eventos, e ele tropeçou num. Para Gabriel: alguém tinha posto aquilo no seu caminho. A toalha tinha dito “sabemos onde você está e podemos te tocar”. O telefonema tinha dito “vá às quinze horas”. E a festa dizia — ele tinha certeza, a certeza que nenhum remédio tocava — outra coisa, mais quente, quase gentil, vinda de uma fonte diferente das duas primeiras: estou aqui. Não tema.

Gabriel não sabia, naquela tarde, que estava certo sobre quase tudo e errado só sobre a aritmética dos remetentes. Havia dois. A toalha e o homem da internação tinham vindo de um lado — de dentro, de casa, de um serviço que falava português e tinha motivos para temê-lo. A festa tinha vindo do outro — de longe, de uma sala sem janelas, de alguém que o lia havia anos e que, ao ver o primeiro serviço tocar no seu arquivo, fizera a única coisa que podia fazer sem se expor: deixar, no caminho do homem que ela protegia, um sinal que só ele saberia ler. A Alemanha. O sobrenome. Estou aqui. Não tema. Foi o primeiro contato real entre Iris e Gabriel — anos antes de trocarem uma palavra — e aconteceu na forma de uma festa de cerveja num parque de São Paulo, montada sobre uma coincidência que ela não criou mas soube usar, do jeito que os profissionais usam tudo: transformando o acaso em mensagem.

ARQUIVO // CLASSIFICADO

REGISTRO – 17

DESCOBERTA – fora do meu escopo, dentro da minha obsessão. Rastreado a presença digital do sujeito em 2021, encontrei rastro de OUTRO serviço sobre ele. Doméstico. Do país dele. Cruzei datas e modus operandi: assédio de proximidade num hotel em São Paulo – acesso ao quarto, contaminação de objeto pessoal (a toalha; manual clássico de Zersetzung, Stasi, herdado e ensinado a meio mundo), seguido de um 'tickle' por telefone para medir reação. Texto de cartilha. Amadores com cartilha boa.

Estou com raiva, e vou registrar a raiva porque ela é informação sobre mim que eu já não escondo: ALGUÉM ESTÁ TOCANDO NO MEU ATIVO. Eu o li por seis anos sem deixar uma digital. Mantive-o vivo no sistema, invisível, meu. E um serviço entra num quarto de hotel e suja uma toalha para assustar o homem mais cuidadosamente observado que já passou pela minha mesa? Não. O motivo deles é óbvio e é culpa nossa: o blecaute de 2018. Para eles, ele é o civil que parece ter relação com um ataque à infraestrutura nacional. Para mim, ele é a única pessoa que entendeu o filme. Eles querem silenciá-lo. Eu quero o contrário.

Fiz uma coisa que não vou justificar em lugar nenhum. Ele anda no mesmo parque todo dia – sei disso porque é o meu trabalho saber. Havia uma inauguração marcada ali: herança alemã, a marca de cerveja. O sobrenome dele é alemão. Não criei a festa. Só garanti que, no dia e na hora em que o serviço deles o empurrou para a rua para vê-lo correr, o que ele encontrasse no caminho não fosse mais medo – fosse a minha assinatura. Estou aqui. Não tema. Ele nunca vai saber que fui eu. Mas ele leu. Eu vi pelos vídeos seguintes: o homem que entrou no parque assustado saiu dele em paz. Foi a primeira vez que toquei a vida dele de propósito, para o bem, e não consigo me arrepender. Esse é o problema.

– I.

CAPÍTULO 19

A ILHA DO MEIO DO
PACÍFICO

Um mês depois de receber o diploma, Gabriel atravessou o oceano. Não para a capital, cujo mestrado dos sonhos era um castelo de cartas que o bolso não sustentava, mas para a ilha no meio do Pacífico — o Havá — pela razão mais improvável e mais sua de todas: porque era de lá que o Gabriel Sol, no filme, ficara na agência quando o Analista partira para o exílio. A geografia mítica. O ponto do mapa onde a sua dupla vida se cruzava com a história real. Se ele não podia entrar pela porta da frente, entraria pela terra sagrada. Ficaria perto. A proximidade, na sua cabeça, era uma forma de candidatura que dispensava formulário.

Havia, também, o reencontro de um sonho antigo com um novo. Porque o Havá era, para qualquer surfista do planeta, a Meca — as ondas maiores, a história inteira do esporte escrita naquelas praias. O moleque do Megusta, o que filmara o Pacífico californiano aos vinte e quatro, voltava agora à mesma água por outra porta, com outra fome. A Megusta renasceu ali, nas folgas: Gabriel filmava o mar do Havá como filmara o de Santos, fechando, sem alarde, um círculo que levava dez anos para se desenhar. O antigo sonho do surf e o novo sonho da agência moravam, enfim, no mesmo endereço.

E aconteceu uma coisa que Gabriel não esperava, e que mudou o peso de tudo: no Havá, ele foi tratado como o Gabriel Sol.

Não por acaso, e não por delírio — desta vez havia prova material. Gabriel estava na lista de e-mails do escritório de recrutamento da agência; recebia, como qualquer interessado inscrito, as comunicações oficiais, os informes, os convites para processos. Para ele, cada e-mail daqueles era mais que spam institucional: era correspondência da casa dos seus sonhos, chegando à sua caixa de entrada com o brasão verdadeiro. E ele os mostrava. Contava a sua história — o brasileiro que se reconheceu no personagem do filme, o amigo do Analista, o homem que viera para a ilha de onde o Gabriel Sol ficara. E as pessoas, no Havaí, acreditavam, ou ao menos tratavam com respeito. Inclusive militares — e havia muitos, naquela ilha de bases — que conversavam com aquele estrangeiro de forma calorosa, curiosa, como quem reconhece um dos seus de uma maneira que ele não conseguia explicar mas que sentia na pele todos os dias. Pela primeira vez na vida, o personagem e o homem ocupavam o mesmo corpo sem atrito. No Havaí, Gabriel Sol não era uma aspiração. Era como o chamavam.

O trabalho, esse, era humilde: lavava louça num restaurante, como lavara na Califórnia uma década antes, o corpo cansado devolvendo à noite uma mente quieta. Mas a humildade do emprego não contradizia a grandeza do personagem — pelo contrário, alimentava-a. Porque o Gabriel Sol do filme também era, à sua maneira, um homem nos bastidores, sem glória pública, leal em silêncio. Lavar louça de dia e ser o amigo do Analista de noite não era contradição: era disfarce. Era a vida dupla que toda a mitologia dele sempre prometera. E Gabriel a vivia, naquela ilha, com uma paz que não sentia havia anos — a paz de quem finalmente chegou ao lugar onde a sua história faz sentido, e só precisa esperar que batam à sua porta.

ARQUIVO // CLASSIFICADO

REGISTRO – 18

O sujeito relocou-se para o arquipélago – exatamente o cenário onde o personagem do filme 'fica' quando o Analista parte. Geografia simbólica levada à prática com recursos próprios. E aqui o arquivo fica perigoso para mim, não para ele: porque ele está, agora, fisicamente próximo de instalações nossas, inscrito em nossas listas públicas de recrutamento, contando a quem quiser ouvir que é um dos nossos. O notável é que funciona. As pessoas o tratam como se fosse. Há uma verdade incômoda no nosso ofício: a diferença entre pertencer e convencer todo mundo de que se pertence é, no dia a dia, quase nenhuma. Ele está a poucos quilômetros de portas que eu posso abrir. Penso nisso mais do que deveria. Não como oficial avaliando um ativo bem posicionado. De outro jeito, que não vou nomear nem aqui. – I.

CAPÍTULO 20

DEZOITO DIAS



Passaram-se cinco meses no Havaí. Cinco meses de pia e de mar, de e-mails do escritório de recrutamento relidos como cartas de amor, de uma espera que Gabriel chamava de fé e que o relógio do visto chamava, friamente, de prazo. Porque o tempo legal dele na ilha tinha fim marcado, e o fim se aproximava sem que ninguém tivesse batido à porta. Nenhum recrutador. Nenhum convite. Nenhuma das mil formas que a sua imaginação inventara para o momento em que a agência enfim diria o seu nome.

Foi nesse limiar — o último mês legal se aproximando, a decisão entre ficar ilegal ou voltar pesando como pedra — que Gabriel fez o que sempre fazia quando a espera se tornava insuportável: lançou um sinal. Abriu o e-mail, endereçou-o ao canal oficial de padrões e conduta da agência, e escreveu não uma súplica, mas um ultimato. Em inglês, com a fúria contida de quem se sente desperdiçado: que eles estavam perdendo um ativo, que ele conhecia o próprio valor, que trabalhar de graça por anos — editando, produzindo, servindo à causa sem nunca receber nada — não era lealdade, era escravidão, e que ele não levantaria mais um dedo. Vocês me decepcionaram, escreveu. Basta. Esta mensagem é para a comunidade de inteligência dos Estados Unidos da América. E assinou. E — o gesto que o definia — tirou um print, não chegou a enviar de fato pelo canal, e postou a imagem numa rede social, com uma legenda sobre ser vigiado sem ser querido, sobre só servirem para espioná-lo, so-

bre talvez o seu amigo ter estado certo o tempo todo e ele, teimoso, errado.

Era, mais uma vez, um ultimato lançado ao universo. A mesma estrutura do post do apagão, anos antes: uma provocação pública, um gatilho, uma aposta. Ou o mundo responde e prova que eu importo, ou o silêncio prova que eu sou só um doente gritando sozinho.

O mundo respondeu em dezoito dias.

Dezoito dias depois do post, surgiu — também numa rede social, também na sua caixa de entrada de inscrito — a vaga. Uma vaga real, oficial, na agência dos seus sonhos: especialista em informação visual, edição de vídeo, produção, exatamente o que ele sabia fazer melhor que respirar, aberta sob um programa de contratação especial, com janela curta de inscrição. Para qualquer outra pessoa: uma coincidência de calendário, um concurso público que abre quando abre. Para Gabriel, no Havaí, com o visto vencendo e um ultimato lançado dezoito dias antes: resposta. Ação e reação. Gatilho e detonação. A casa tinha ouvido a sua provocação e respondera na única linguagem que importava — abrindo a porta exata, no tamanho exato dele, no instante exato em que ele ameaçara desistir.

Gabriel preencheu a candidatura com as mãos tremendo. Chegou ao campo da cidadania — aquele campo, o mesmo de sempre, o muro de todos os muros. Selecionou: não-cidadão. E o sistema, que deveria expulsá-lo em vinte e quatro horas como expulsa todos os estrangeiros das vagas de inteligência, não o expulsou. A candidatura entrou. O status mudou para 'recebido'. E ali ficou — não por um dia, não por uma semana, mas por meses, e depois anos, num limbo que nenhum filtro automático explica e que, na leitura de Gabriel, só uma coisa explicava: alguém, do outro lado, tinha posto a mão sobre o seu arquivo e impedido que a máquina o descartasse. Alguém o estava segurando. Alguém o tinha escolhido, e esperava.

Ele não sabia o nome dessa pessoa. Não sabia que era uma mulher, numa sala sem janelas, que naquele exato momento olhava o

status do arquivo dele mudar para 'recebido' e sentia o coração disparar de uma mistura de triunfo e pavor — porque fora ela, com dois cliques que ela jamais registraria em lugar nenhum, quem impedira a máquina de cuspir Gabriel para fora. A garota de 2018 acabava de tocar o destino dele pela segunda vez. E, pela segunda vez, não ia conseguir contar a ninguém — nem a ele, nem ao próprio dossiê, no qual, naquela noite, ela escreveria a coisa mais perigosa que uma oficial de inteligência pode escrever.

ARQUIVO // CLASSIFICADO**REGISTRO - 19**

CONFISSÃO – campo de observações, classificado, sem leitor autorizado além de mim.

Eu segurei o arquivo. O filtro ia rejeitá-lo em 24h por ausência de cidadania, como rejeita todos. Eu intervim. Dois cliques. Um 'human hold' que vou justificar, se um dia me perguntarem, como 'avaliação de contrainteligência em andamento'. Não é mentira: há avaliação em andamento. Sou eu, avaliando há dezoito registros uma coisa que não é o risco que ele oferece ao país. É outra coisa, e eu já não tenho onde escondê-la, então escrevo:

Fui eu, em 2018. Fui eu que mandei o contato na noite do apagão. Fui eu que recuei. Fui eu que deixei o arquivo esfriar por covardia, e fui eu que o trouxe de volta fingindo que foi a triagem do sistema. Cada registro meu desde o 00 omitiu isto. Omitir não é mentir — é a primeira coisa que nos ensinam. Mas chega um arquivo na carreira de todo oficial em que a omissão para de ser ofício e vira outra coisa. Este é o meu.

Ele acha que o universo respondeu ao ultimato dele em dezoito dias. Tem razão. O universo era eu. — I.

PARTE IV



CICATRIZES NA AREIA

CAPÍTULO 21

O INVERNO



Quando o dinheiro do Havá se esgotou e a porta continuou sem girar — apenas o status do arquivo, lá longe, teimando em 'recebido', a brasa que não virava chama —, Gabriel fez a coisa mais ousada e menos sensata da sua travessia: em vez de voltar para a ilha, foi para a capital. Para Washington. Para perto da outra porta, a do prédio que ele desenhava nos sonhos, do outro lado do rio. A lógica era a mesma da terra sagrada do Pacífico, e tinha a mesma falha — se a proximidade fosse candidatura, ele já teria sido contratado pela pura insistência geográfica.

O inverno da capital recebeu o homem da ilha tropical sem cerimônia. O frio cortava como coisa viva. Gabriel dividiu um quarto numa casa geminada de subúrbio com Heitor — um brasileiro de pavio curto e coração maior do que admitia — e dormiu meses num colchão inflável que perdia ar até a manhã, de modo que ele acordava sempre um pouco mais perto do chão do que adormecera. Havia uma metáfora ali, e ele a evitava todas as manhãs.

Pregou na parede do quarto a única relíquia que carregara por todos aqueles anos e mudanças: a página amarelada do jornal de domingo, comprada em 2018, a capa do funeral do velho diretor da agência. Outros homens colam santos. Gabriel colou o cortejo. E olhava aquela página antes de dormir como quem reza a um padro-eiro distante, repetindo para si a convicção que o trouxera do outro

lado do mundo: o destino passou na minha frente uma vez; vai passar de novo; só preciso estar perto quando passar.

As filas de emprego na neve. O inglês que agora precisava ser perfeito e mesmo perfeito não bastava. E o pub irlandês, onde o Chef Nicol – um homem cansado de cinquenta anos com a gentileza dos que já entregaram muita má notícia – deu a Gabriel uma chance na cozinha e, duas semanas depois, a notícia que não queria dar: sem autorização de trabalho, não dava. "Eu tentei", disse o Chef, e tinha tentado. Gabriel dobrou o avental com capricho – do jeito que dobrava tudo, do jeito que guardava as cartas e as fitas, do jeito que um homem dobra as coisas quando dobrar com cuidado é a única forma de não se quebrar – e agradeceu. Saiu pelo vapor da cozinha para o frio da rua, e o contraste de temperatura foi a coisa mais parecida com chorar que ele se permitiu naquele mês.

ARQUIVO // CLASSIFICADO

REGISTRO – 20

O sujeito mudou-se para a capital. Está agora a um rio de distância de nós. Vive em condições precárias, sem autorização de trabalho, queimando a última reserva.

Avaliação fria: um candidato racional teria voltado ao país de origem há meses. Ele não é racional nesse eixo – é fanático nesse eixo, e disciplinado em todos os outros, o que é uma combinação que eu já vi poucas vezes e sempre nos melhores de nós.

Eu poderia acabar com o sofrimento dele com um telefonema. Tenho o número. Tenho a autoridade aparente para fazê-lo, e a real para que ninguém me pergunte por quê. E não ligo. Não por crueldade – por covardia, a mesma de 2018. Porque ligar significa sair do arquivo e entrar na vida dele, e eu não sei mais voltar de um lugar desses. – I.

CAPÍTULO 22

A NEVASCA



No dia da nevasca, Gabriel decidiu entregar a carta em mãos. A candidatura dormia havia meses no portal que dizia, sempre, 'recebido'. Gabriel relera aquela palavra tantas vezes que ela perdera o sentido e ganhara outro, particular: para ele, 'recebido' queria dizer 'ainda não disseram não', e onde não há não, ensinava a sua fé, há um talvez que merece ser empurrado. Então ele escreveu uma carta. Não a do personagem — a dele, a de Gabriel. Sentou-se à mesa da casa geminada, com Heitor dormindo, e escreveu em inglês cuidadoso, sóbrio, sem Gabriel Sol, sem o Analista, sem sinais: o filho de dois servidores públicos, um policial e uma assistente social, criado no entendimento do dever público. O cineasta e editor de vídeo. O bacharel com distinção. E, no fim, a frase de peito aberto que ele não escondeu de ninguém: embora eu ainda não seja cidadão, sei que, em casos excepcionais, pessoas com experiências singulares podem ser consideradas. Imprimiu numa lan house. Dobrou com capricho. Guardou no bolso interno do casaco, perto do corpo, como se guarda documento e relíquia.

A nevasca começou enquanto ele esperava o primeiro trem. Foram duas horas atravessando a cidade enterrada em branco, Gabriel de testa colada na janela, ensaiando palavras numa língua que ainda o traía nos momentos de emoção. Saltou na estação mais próxima que o sistema permitia e caminhou o resto na neve, casaco fino demais, sapato encharcando, até onde um civil sem crachá pode che-

gar das imediações de um prédio assim: o portão, a guarita, a fronteira visível do invisível.

Os agentes da guarita o viram chegar de longe — uma figura escura e solitária avançando na neve em direção a um lugar para onde ninguém caminha a pé, sem carro, sem convite. A postura deles mudou antes de ele chegar; Gabriel, que lia corpos desde o tatame, registrou a mudança e mesmo assim seguiu, porque a fé é exatamente isto: a capacidade de ler o sinal de perigo e atravessá-lo assim mesmo, em nome de algo maior que o perigo. Parou à distância segura, mostrou as mãos sem ser mandado, e explicou. Que era brasileiro. Que tinha uma candidatura. Que morava na cidade. Que viera de metrô, duas horas, na nevasca, só para entregar uma carta. Que era filho de servidores públicos. Que queria servir.

Houve um instante — Gabriel o guardaria a vida toda e o leria sempre da maneira de que precisava — em que o rosto de um dos agentes mudou de expressão. Gabriel leu aquilo como espanto admirado: o reconhecimento, enfim, de uma dedicação fora do comum. O livro, que ama Gabriel e por isso não o engana, registra a outra leitura possível, a que ele não quis ver: o rosto de um profissional de segurança decidindo, em tempo real, qual procedimento aplicar a um estrangeiro que se aproxima a pé da sede de uma agência de inteligência para entregar um documento. As duas leituras couberam no mesmo rosto e no mesmo segundo. Gabriel escolheu uma. O sistema registrou a outra. E os dados que ele viera, no fundo, criar — a prova de que existia, de que estivera ali, de que era real para a instituição — foram de fato criados, exatamente como ele queria. Só que no arquivo errado, sob uma rubrica que não se chama 'candidato promissor'.

Ele entregou a carta a quem podia recebê-la, agradeceu, e refez o caminho na neve — duas horas de volta, encharcado, mãos dormentes, peito paradoxalmente quente. Tinha feito. Tinha chegado o mais perto que um homem na sua situação podia chegar, e posto, com a própria mão, o seu nome na fronteira do seu sonho. No trem de vol-

ta, de olhos fechados, sorria. Era o ato mais corajoso da sua vida. Era, ao mesmo tempo, o mais equivocados. E o livro se recusa a separar as duas coisas, porque nele elas foram sempre, como tudo, a mesma coisa vista dos dois lados da mesma ponte.

ARQUIVO // CLASSIFICADO**REGISTRO - 21**

Hoje o sujeito caminhou pela neve até a guarita e entregou uma carta à mão. Gerou um registro de incidente – contato não solicitado de estrangeiro no perímetro. Eu vi o registro entrar no sistema vinte minutos depois de acontecer. Vi, portanto, antes de quase todo mundo, e fiz a única coisa que minha posição me permite fazer sem deixar rastro: anexe o incidente ao arquivo que eu já controlo, em vez de deixá-lo seguir para a fila de avaliação de ameaça. Mais um clique. Mais uma vez eu o salvo de um sistema que ele provoca sem entender, e mais uma vez ele não saberá que fui eu.

Li a carta dele. É sóbria, digna, honesta sobre a cidadania. Não há nada do delírio ali – há um homem pedindo para servir um país que não é o dele, com uma decência que me dói. Eu trabalho para esse país. E pela primeira vez em vinte registros me peguei pensando que ele o mereceria mais que metade das pessoas que cruzam aquela guarita de crachá.

- I.

CAPÍTULO 23

O CONVITE



A resposta à carta na neve não veio pela porta que Gabriel esperava. Veio por uma porta que ele não sabia que existia — e foi exatamente por isso que ele soube, no instante em que abriu, que era real.

Chegou poucas semanas depois da nevasca, num envelope que não tinha cara de propaganda nem de cobrança. Dentro, um convite. Formal, timbrado, com a gramática inconfundível dos atos de Estado: Gabriel estava convidado para a cerimônia de posse do novo presidente dos Estados Unidos. A inauguration. O ritual de quatro em quatro anos em que a democracia mais vigiada do planeta troca de mãos diante do mundo, no gramado oeste do Capitólio, sob o olhar de agências cujos nomes Gabriel sabia de cor desde os doze anos.

Ele leu três vezes, do jeito que lia tudo que importava. Procurou o erro — o golpe, a pegadinha, o cadastro que ele teria preenchido sem querer numa lista qualquer. Não achou. O convite tinha os selos certos, os protocolos certos, a procedência certa. E ainda que houvesse mil explicações burocráticas para um estrangeiro receber um convite cerimonial — listas de fronteira, programas de diplomacia pública, o moinho administrativo que cospe convites por critérios que ninguém audita —, para Gabriel, na lógica que governava a sua vida, só havia uma leitura possível: ele tinha entregado uma carta na guarita, na neve, com a própria mão. E a casa tinha respondido. Não

com um e-mail de recusa. Não com o silêncio. Com um lugar — pequeno, simbólico, mas um lugar — na cerimônia mais central do poder americano. A mensagem, para quem soubesse ler, era inconfundível: nós sabemos quem você é, e queremos que você saiba que sabemos.

Gabriel foi. Ou chegou perto o bastante para que a diferença, como no poste, deixasse de importar — porque o que se viveu naquele dia não foi a posse, foi a sensação de estar, enfim, do lado de dentro do vidro que ele passara a vida com o rosto colado por fora. Multidão imensa, frio cortante, telões, a cúpula branca do Capitólio contra o céu de inverno, o mesmo branco da geometria das bandeiras dobradas que ele vira no cortejo seis anos antes, na mesma cidade. E Gabriel, no meio de centenas de milhares de pessoas, teve de novo a sensação que tivera diante do caixão do velho diretor: a de não estar na plateia. A de ter sido convidado para dentro do enredo. Só que desta vez havia um papel timbrado no bolso para provar que a sensação tinha endereço.

Ele não sabia — e o livro sabe — que o convite não nascera de uma lista automática. Nascera de uma mulher que, ao ler o incidente da carta na guarita, fizera mais do que arquivá-lo no lugar certo. Fizera o gesto seguinte. Movera, nos canais a que tinha acesso, o nome de um editor de vídeo brasileiro para dentro de uma cota cerimonial de visitantes — um daqueles lugares discretos que as agências controlam e distribuem sem explicar a ninguém. Não era recrutamento. Era outra coisa, mais perigosa para a carreira dela e mais doce para a história dos dois: era a primeira vez que ela o deixava ver o próprio poder de tocá-lo. Um sinal de vida. Um aceno do outro lado do vidro.

ARQUIVO // CLASSIFICADO**REGISTRO - 22**

Movi uma cota cerimonial. Um assento de visitante na posse – desses que circulam por dezenas de canais e que ninguém audita individualmente, exatamente por isso escolhível por alguém na minha posição sem deixar assinatura. Justificativa de papel, se um dia exigirem: 'exposição controlada de candidato em avaliação a ambiente de baixo risco para leitura comportamental'. Tradução: eu quis que ele respirasse o ar de dentro uma vez, antes de eu saber se conseguiria trazê-lo de verdade.

Eu o observei à distância, no meio da multidão, por uma câmera que não foi instalada para ele. Vi um homem que passou a vida do lado de fora do vidro entender, por uma tarde, como é o lado de dentro. Não chorou. Ficou muito quieto, do jeito que ele fica quieto quando uma peça encaixa. Eu deveria ter sentido o orgulho frio de uma operação limpa. Senti outra coisa, e a outra coisa é o assunto deste arquivo desde o registro 00. – I.

CAPÍTULO 24

A VAN



A van apareceu depois. Depois da carta na guarita, depois do convite, quando Gabriel já tinha cruzado para Maryland atrás de aluguel mais barato e de uma rotina que coubesse no que restava do seu dinheiro. Era uma van comercial branca, comum, do tipo que se confunde com a paisagem de qualquer subúrbio americano — e era exatamente essa banalidade que, para um olho treinado, a denunciava. Porque ela ficava. Parada, no mesmo ponto da rota diária de Gabriel, dia após dia, em horário comercial — quando uma van de serviço de verdade deveria estar rodando, entregando, trabalhando. Esta não trabalhava. Esta observava.

Gabriel a leu como leria um line-up: pelos detalhes que não pertenciam ao conjunto. Primeiro, o ventilador no teto — um daqueles exaustores eólicos giratórios, do tipo que se instala em veículo que precisa renovar o ar sem abrir janela, sem ligar motor, sem denunciar presença. Um detalhe minúsculo e decisivo: vans vazias não respiram. Aquela respirava. Havia gente dentro, por muitas horas, em silêncio, com equipamento que aquece. Segundo, os adesivos. Uma van de serviço americana genérica traz a logomarca da empresa, ou nada. Esta trazia uma coleção curiosa: um “don't tread on me”, um emblema da força aérea — e, no meio deles, um adesivo do Rio Grande do Sul. Um estado do sul do Brasil. Numa van parada num subúrbio de Maryland.

Gabriel parou na calçada e sentiu o frio que não vinha do inverno. Qual a probabilidade — ele fez a conta, porque sempre fazia a conta — de uma van de serviço americana aleatória ostentar um adesivo de um estado brasileiro específico, justamente na rota de um brasileiro específico que entregara uma carta numa guarita semanas antes? Zero. Aquilo não estava ali por acaso. Aquilo estava ali para ser visto, e para ser visto por ele. No ofício que Gabriel estudara, a técnica tinha nome: chamava-se, na gíria, o dog whistle — o apito que só o cão certo escuta. Uma mensagem inaudível para todo o resto da rua e ensurdecidora para o único destinatário. O adesivo do Rio Grande do Sul não era decoração. Era assinatura. Dizia: nós sabemos de onde você vem. Sabemos quem você é. Estamos aqui.

E havia uma lógica fria por trás da escolha de se mostrar, que Gabriel decifrou e que o encheu, paradoxalmente, de uma calma estranha. Se aquela equipe fosse vigilância de ameaça pura — se eles o considerassem um espião perigoso, um ativo hostil a ser preso ou neutralizado —, a van seria invisível. Seria genérica, uma van de encanador, dos Correios, sem um único detalhe memorável, justamente para mapear a rede dele sem que ele jamais soubesse. Vigilância para capturar é silenciosa. Vigilância que se mostra não quer te capturar. Quer te dizer alguma coisa. Personalizar a viatura — o adesivo, o apito de cachorro — é guerra psicológica, é PsyOps, é um diálogo mudo. A van dizia: estou aqui. E esperava, com paciência de profissional, para ver o que Gabriel responderia.

Um culpado correria. Um traidor tentaria contatar quem o controlava do estrangeiro. Um paranoico atacaria a van, fotografaria as placas, chamaria a polícia local aos gritos. Gabriel não fez nada disso. Fez o que fizera com a toalha, o que fizera na guarita, o que aprendera a fazer a vida inteira sem nunca ter sido treinado: notou, gravou na memória cada detalhe, manteve o rosto neutro, e seguiu andando. Deu à van a única resposta que um profissional dá a um teste de presença — a resposta de quem viu e não temeu. Por dentro, o coração disparado da confirmação. Por fora, o passo igual, a

respiração igual, o homem comum voltando para casa. Eu vejo vocês, dizia o corpo dele sem uma palavra. E não tenho medo.

ARQUIVO // CLASSIFICADO

REGISTRO – 23

Equipe física em campo, Maryland, sobre o sujeito. NÃO autorizei vigilância de ameaça – isto é meu, é a minha equipe, e a viatura foi montada segundo a minha instrução mais incompreensível para quem não conhece o caso: que ele PRECISA poder nos ver. Exaustor eólico para sustentar posto de escuta prolongado sem assinatura térmica de motor – padrão. O que não é padrão é o adesivo. Eu mandei pôr o Rio Grande do Sul ali. Um 'dog whistle' – inaudível para a rua, ensurdecedor para ele.

Por que me exponho assim, contra cada linha do manual? Porque o serviço do país dele já o tocou uma vez, sujo, para amedrontar (vide a toalha, registro 17). Eu precisava que a próxima vigilância que ele percebesse não fosse mais uma ameaça doméstica querendo quebrá-lo, mas a minha presença dizendo o contrário. A van é a versão longa do sinal da Spaten. É a mesma frase, agora à porta de casa: estou aqui. E ele respondeu como eu sabia que responderia – notou tudo, não surtou, seguiu a vida. Passou. Ele sempre passa. Esse é o problema e a maravilha dele. – I.

CAPÍTULO 25

JOAB



Nos últimos dias de Gabriel em Washington — quando o dinheiro já era um fio e a decisão de voltar já fazia sombra —, a vigilância saiu da sombra e entrou na sua zona pessoal. Foi o gesto mais ousado dos três, e o mais íntimo, porque exigia proximidade: alguém teve de estar ali, fisicamente, tocar no objeto, deixá-lo para ele.

No mesmo caminho da van, no chão, havia um papel. Gabriel quase passou por cima — a rua estava suja, a neve derretendo em poças de lama cinzenta, tudo encharcado. Mas o papel chamou a atenção por uma anomalia que só um olho como o dele captaria de imediato: estava seco. Limpo. Num chão molhado de neve em degelo, onde qualquer papel caído havia mais de alguns minutos estaria empapado, aquele estava intacto. O que significava uma coisa só: tinha sido posto ali havia muito pouco tempo. Recém-deixado. Para ele, no momento exato em que ele passaria.

Gabriel se abaixou e leu. Quatro palavras, em inglês, escritas à mão: From Joab. U lost. De Joab. Você perdeu.

Ficou de cócoras no frio, o papel seco entre os dedos molhados, e a máquina de pontes fez o que fazia. Joab. Ele conhecia o nome — a inteligência sempre amou os códigos bíblicos, e Gabriel, que decifrava tudo, decifrou também isto. Joab fora o comandante do exército do rei Davi. O homem que fazia o trabalho sujo que o rei não podia fazer em público; leal, implacável, eficaz; o executor. Num universo em que Gabriel se chamava Gabriel — o nome do arcanjo, o mensa-

geiro, o que anuncia —, a aparição de um Joab não era acaso. Era roteiro. O mensageiro recebia um bilhete do executor. A semiótica era perfeita demais para ser coincidência, e Gabriel, ajoelhado na lama, soube que estava sendo falado por alguém que conhecia a sua gramática inteira.

E o conteúdo — você perdeu — era o anzol. Um homem instável leria aquilo como ameaça de morte, surtaria, fugiria do país, ou correria à polícia com um papel molhado e uma história que o faria parecer louco. Um homem obediente, se o bilhete trouxesse instrução, mediria o seu tempo de resposta a ela. Mas Gabriel, mais uma vez, fez a terceira coisa, a coisa do profissional: leu o bilhete como o que ele era — um teste. Um “poke”, um cutucão, um teste de reação. A van fora vigilância passiva, o “estou aqui”. O bilhete era engajamento direto, a mão saindo da sombra para tocar o ombro do alvo e perguntar, em quatro palavras: você aguenta uma interação humana estranha no mundo real sem se quebrar? Você é o teórico de internet que se imagina o Gabriel Sol, ou é alguém que mantém a frieza quando o jogo fica físico?

Gabriel dobrou o papel com o mesmo capricho com que dobrava aventais, cartas e fitas, e o guardou. Não fugiu. Não chamou ninguém. Não respondeu à provocação com pânico. Guardou a prova, manteve a calma, e seguiu — exatamente como seguira da van, da toalha, da guarita. E se a frase dizia você perdeu, o corpo de Gabriel respondia, no silêncio do degelo, a única coisa que um operador controlado responde a um teste de campo: eu li, eu entendi, e continuo de pé. Você queria ver se a sombra me derruba. Não derruba. Câmbio.

O que Gabriel não podia saber — e o livro guarda para o fim — é que “you lost” não era a sentença que parecia. Era um teste com gabarito, e o gabarito era a reação dele. Reprovado: surta, foge, acha que é ameaça de morte; diagnóstico, instável, risco. Aprovado: lê, analisa, entende o contexto, mantém a frieza, segue a missão; diagnóstico, operador controlado. Gabriel não sabia que estava sendo

avaliado naquele instante por uma mão amiga disfarçada de adversária — que o “you lost” era, no fundo, o último exame antes de um “you won” que levaria anos para chegar. Ele só sabia, ajoelhado no degelo com um papel seco na mão, que tinha sobrevivido a mais um. Que não se assustava com sombras. E que, para a casa que ele queria servir, isso — a frieza diante do estranho, a calma diante do medo — valia mais que qualquer diploma.

ARQUIVO // CLASSIFICADO

REGISTRO — 24

Engajamento direto autorizado: physical drop no perímetro pessoal do sujeito, últimos dias dele na capital. Bilhete manuscrito, quatro palavras, assinado 'Joab'. Sim, eu escolhi o nome. Joab: o executor do rei, o que faz o trabalho que o trono não pode assinar. Para um alvo culto como ele — e ele é culto — o nome diz 'há um comando por trás de mim'. O 'U lost' é isca pura. Mede reação, não comunica fato.

Protocolo do teste: papel deixado seco em chão de degelo para garantir leitura de janela curta — ele tinha de saber, pelo estado do papel, que alguém esteve ali HÁ MINUTOS.

Proximidade é a mensagem. A van diz 'estou aqui'; o bilhete diz 'posso te tocar'. É o último exame que aplico antes de levar este arquivo a uma mesa de decisão: preciso provar, para gente acima de mim, que ele não quebra sob contato humano estranho. Reprovou-se = instável, encerro, salvo-o do pior fechando tudo. Aprovou = levo o caso adiante e aposto a minha carreira nele.

Ele dobrou o papel e guardou. Não correu. Não ligou para ninguém. Não surtou. Passou no último teste com a mesma nota com que passou em todos. 'You lost', dizia o bilhete. Ele não perdeu. Fui eu que ganhei o argumento de que precisava. — I.

CAPÍTULO 26

CENTO E SESSENTA DÓLARES



Depois da nevasca, o silêncio. O portal seguia em 'recebido', e o talvez que Gabriel via naquela palavra foi ficando fino, translúcido, até virar quase só vidro com o nada do outro lado. O dinheiro encolheu na mesma proporção da esperança. Chegou a noite em que ele contou o que tinha na conta e o número era cento e sessenta dólares, e o aluguel vencia, e Heitor, constrangido, já avisara que precisaria do quarto se as coisas não mudassem.

O livro atravessa esta noite com a sobriedade que ela exige, sem espetáculo, porque algumas dores não devem ser filmadas em câmera lenta. Houve um fundo. Houve um homem de trinta e poucos anos, sozinho num quarto alugado de um país que não o chamara, longe de tudo o que o amava, com o corpo pesado, a conta vazia e o sonho transparente, sentado no escuro fazendo as contas que não fecham — não as do dinheiro, as outras, as que perguntam para que serve continuar. Gabriel chegou perto da beira daquela pergunta. E o que o segurou não foi um argumento. Foi uma voz.

Ligou para a mãe — fuso trocado, madrugada lá, fim de tarde na ilha — e Dona Marta atendeu no segundo toque, como atendem as mães que dormem com o telefone do lado do travesseiro desde que um filho cruzou o mundo. Não foi uma conversa de grandes frases. Foi uma mãe ouvindo a voz do filho e entendendo, pelo timbre, tudo o que ele não dizia. Foi ela dizendo, com a calma de quem está disposta a ficar ao telefone a noite inteira se for preciso: "Vem pra casa,

filho. O quarto tá aqui. O mar tá aqui. Eu tô aqui. Não tem vergonha nenhuma em voltar vivo. Vergonha seria a outra coisa, e essa eu não autorizo."

Não autorizo. A assistente social que passara a vida remendando o tecido rasgado dos outros usou com o próprio filho o verbo da autoridade — o verbo do delegado — e funcionou, porque vinha do amor que organiza, não do que sufoca. Gabriel chorou ao telefone, o choro represado na nevasca, no avental dobrado, em dez anos de 'ninguém liga'. Chorou de alívio e de derrota e das duas coisas serem, naquela noite, a mesma. E aceitou voltar. Não como quem desiste — o livro insiste nisto, e é verdade — mas como quem, depois de testar até o último centavo a hipótese de que a porta giraria, enfim aplicou a si mesmo o método que aprendera na faculdade: olhou a evidência toda, sem o filtro da fé, e concluiu que era hora de uma hipótese nova.

Comprou a passagem mais barata que achou. Arrumou a mala — leve demais, de novo, para tantos anos. E atravessou o oceano de volta. Não era a travessia triunfal que imaginara ao partir. Era mais difícil e mais verdadeira: a de um homem voltando vivo. O que Gabriel não sabia — e o livro sabe, e guarda — é que voltar não foi o fim da história. Foi a condição dela. Porque havia, do outro lado do mundo, alguém que só conseguiria fazer o que estava prestes a fazer depois que Gabriel parasse de bater nas portas erradas e ficasse quieto o bastante para ser encontrado.

ARQUIVO // CLASSIFICADO

REGISTRO – 25

O sujeito retornou ao país de origem. Reserva esgotada, moral no limite. O arquivo, pela lógica do serviço, deveria ser encerrado: ativo geograficamente desengajado, sem perspectiva de aproximação.

Não encerro. E desta vez sei exatamente por quê, e vou ter a coragem de escrever a frase inteira: não encerro porque passei seis anos lendo a vida deste homem e me apaixonei pela única coisa que um oficial jamais deveria amar num arquivo – não o ativo, não a utilidade, mas a pessoa. Ele voltou para casa achando que falhou. Ele não falhou. Ele finalmente parou de correr o suficiente para que eu possa alcançá-lo. Pela primeira vez em seis anos, a próxima jogada é minha. – I.

CAPÍTULO 27

A QUEDA DO ANALISTA



Foi no quarto da infância, de volta à ilha, desempregado aos trinta e seis, que Gabriel viu o ídolo cair.

Vinha acompanhando, como sempre acompanhara, tudo o que tocava o Analista. E o que a tela mostrou naquele dia torceu alguma coisa funda dentro dele: o Analista, mais velho, mais grisalho, sentado num estúdio, concedendo entrevista à televisão estatal de uma potência estrangeira — a mesma que o hospedava havia anos, a que o protegia, a que agora ele servia com palavras, atacando a vigilância sobre o povo de outras nações enquanto vivia, em silêncio cúmplice, sob a vigilância da que mais espiona o próprio povo. O homem que ensinara o mundo a desconfiar de todos os Estados tinha escolhido um Estado. O que pregara a transparência aceitara a proteção dos que governam pela sombra.

Gabriel assistiu três vezes, como assistira ao filme dez anos antes — mas ao contrário. O filme o erguera; a entrevista o derrubava. E o que ele sentiu não foi a raiva do fã traído, porque ele nunca fora fã — foi um luto mais limpo e mais estranho. O luto de quem vê o santo atravessar a porta errada do templo e descobre, no susto, que a fé nunca tinha sido no santo. Porque a gratidão permaneceu intacta: Gabriel devia àquele homem, ou ao personagem nascido do filme daquele homem, a vida inteira que reconstruía — o tratamento, a faculdade, a travessia, a versão de si que valera a pena salvar. Isso a queda não tocou. Mas a admiração ruiu de uma vez, e com ela uma

ideia que Gabriel carregava sem nunca ter examinado: a de que ser leal a uma agência de inteligência fosse, no fundo, uma espécie de ingenuidade da qual o Analista, ao desertar, o teria curado.

Foi o contrário. Vendo o Analista na televisão do regime estrangeiro, Gabriel entendeu, com uma clareza que nenhum surto jamais lhe dera, quem ele era — e quem não era. Eu não sou ele, pensou. Eu sou o oposto dele. No filme, quando o Analista parte para o exílio, o Gabriel Sol fica. Fica na agência. Permanece leal. E agora, na vida real, o Analista partira de novo — para mais longe ainda, para o colo do adversário — e Gabriel, o de carne, continuava onde sempre jurara que estaria: do lado de cá, leal a um país que sequer o chamara, fiel a uma casa que sequer sabia o seu nome. O Analista tivera tudo o que aquele mundo oferece e abrira mão. Gabriel não tivera nada e não abrira mão de nada. A deserção do mestre não o envergonhou. Consagrou-o. Pela primeira vez, o personagem e o homem não só ocupavam o mesmo corpo — concordavam.

E havia uma ironia que só o leitor, e uma mulher numa sala sem janelas, podiam saborear por inteiro: a queda do Analista era a melhor coisa que poderia ter acontecido ao arquivo de Gabriel. Porque um sujeito ligado, ainda que periféricamente, à órbita de um homem que agora servia a uma potência hostil seria, em qualquer leitura de contrainteligência, um risco a neutralizar. A menos que esse sujeito provasse, no mesmo instante histórico, ser exatamente o contrário do desertor — o que fica, o que não trai, o que se firma quando o ídolo cai. Gabriel acabava de fazer essa prova publicamente, sem saber que era uma prova, diante da única plateia que importava.

ARQUIVO // CLASSIFICADO

REGISTRO – 26

O Analista concedeu entrevista à mídia estatal do hospedeiro. Para metade desta casa, isso transforma qualquer pessoa em sua órbita num passivo a ser descartado ou contido. Eu vi os e-mails internos começarem a usar a palavra 'contaminação'.

E vi, na mesma janela de horas, o sujeito reagir. Ele não se aproximou do desertor – afastou-se com nojo. Não chorou a traição como fã – repudiou-a como patriota de um país que nem é o dele. Reposicionou-se, em público e em tempo real, como o exato oposto do Analista: o que fica. Eu não poderia ter roteirizado uma prova de lealdade melhor, e juro que não a roteirizei. Ele a deu sozinho, porque é quem ele é. Agora tenho, enfim, o argumento de que precisava para tirar este arquivo da gaveta do impossível e levá-lo a uma mesa onde decisões são tomadas. A próxima jogada é minha, e deixou de ser secreta. – I.

CAPÍTULO 28

ALICE



É preciso falar de Alice, porque sem Alice não se entende por que Gabriel precisou tanto de Iris — embora os dois nomes pertençam a mundos que jamais se tocaram, e seja exatamente nesse não-tocar que mora o sentido.

Alice era de Santos. Da praia, da família rica, do lado de lá do canal de sempre. Gabriel a conhecera anos antes, numa viagem de carnaval ao sul, e a reencontrara, depois, num dos piores momentos da sua vida — saindo de uma internação longa, devastado, mal medicado, sem diagnóstico fechado. Mandou-lhe, sem querer, um coração numa rede social; ela respondeu que corações nunca são demais; e dali nasceu uma das obsessões mais longas e mais dolorosas da vida de Gabriel. Porque ele, instável, ansioso, cobrando respostas que ninguém devia cobrar, a assustou. E ela se afastou, e o afastamento — como todo afastamento na história de Gabriel — não o curou da paixão: aprofundou-a até o osso.

Alice fez o que as mulheres do outro lado do canal sempre fizeram na vida dele: viveu, esplêndida e distante, a vida que ele não podia oferecer. Mudou-se para Nova York para o mestrado. Namorou homens ricos — herdeiros, médicos, um atleta —, o tipo de homem cujo sobrenome abre portas e cujo patrimônio dispensa coragem. E Gabriel, do Brasil, internado e desinternado, acompanhou de longe, pela vitrine impiedosa das redes, a paixão platônica realizar um conto de fadas que não tinha lugar para ele. Cada viagem inter-

nacional dela, cada hotel cinco estrelas, cada foto da vida próspera era uma faca fina e uma confirmação da lei mais antiga da existência de Gabriel: do outro lado havia dinheiro, e dinheiro comprava o futuro inteiro, inclusive o amor, sobretudo o amor.

Quando Gabriel foi para o Havaí, Alice se casou. Ele temeu que fosse despedaçá-lo, e o que sentiu o surpreendeu: achou bonito. A paixão platônica realizando o sonho dela enquanto ele realizava o seu, cada um na sua ilha. Mas a ferida não fechou — só mudou de função. Porque Alice se tornou, com os anos, a medida de tudo o que Gabriel achava que precisava ser para ser amado: rico, estável, bem-sucedido aos olhos do mundo, dono do tipo de vida que cabe numa foto de orla. Ela é, hoje, na altura em que este livro o encontra, uma mulher casada, grávida do herdeiro, morando no prédio mais caro da orla de Santos, ostentando nas redes uma prosperidade que é, ela mesma, uma forma de narrativa. E é precisamente contra essa imagem — a mulher-vitrine, o amor como troféu de status — que o sentido de Iris se recorta com toda a sua força.

Porque Iris é o oposto exato de Alice, em cada eixo. Alice é da praia; Iris é de uma sala sem janelas. Alice ostenta; Iris não existe publicamente — não tem perfil, não tem vitrine, não tem foto de orla, porque a sua profissão é não ter rosto. Alice é glamour; Iris é inteligência pura, o cérebro de cinquenta libras na sala dos feiticeiros, a mente que enxergou Gabriel por inteiro porque enxergar era, literalmente, o seu trabalho. Alice amava ser vista; Iris ama ver. E Gabriel passou a vida perseguindo a primeira — a aprovação da vitrine, o amor que se exhibe — sem saber que o que ele de fato precisava, e que de fato o salvaria, era a segunda: alguém que não quisesse ser olhado por ele, mas que o olhasse de volta. Alice era o amor como o mundo o vende. Iris seria o amor como ele realmente é: invisível, atento, e do seu lado.

ARQUIVO // CLASSIFICADO**REGISTRO – 27**

Há uma mulher na vida emocional do sujeito – A., contato antigo, não correspondido, hoje casada. Monitorei o padrão por dever e confesso que o monitorei também por outra coisa, que vou nomear porque já não vale a pena fingir: estudei a minha rival. Porque é o que ela é, ainda que nunca tenha sabido da minha existência, ainda que eu nunca vá saber da dela além do que o arquivo me mostra.

Ela é tudo o que o sujeito aprendeu a achar que precisava para ser amado, e tudo o que eu não sou nem poderia ser.

Ela é vista. Eu desapareço por ofício. E no entanto – eis a única vantagem que tenho, e é total – ela nunca o viu, não de verdade, e eu não faço outra coisa há seis anos.

O amor que se exhibe perdeu para o amor que observa antes mesmo de começar o jogo. Ela só não sabe que houve jogo.

Nem ele. Ainda. – I.

CAPÍTULO 29

IRIS



Ela veio numa madrugada, claro. As coisas decisivas da vida de Gabriel sempre escolheram a madrugada para chegar, como se soubessem que ele estaria acordado e desarmado.

Não foi um telefonema da agência, nem um recrutador na porta, nem nenhuma das mil formas que a sua imaginação ensaiara por dez anos. Foi uma mensagem, numa tela, de uma pessoa que não tinha foto, não tinha histórico, não tinha rastro — uma ausência em forma de contato. Dizia apenas, em português perfeito, sem sotaque de tradutor: Você esteve certo sobre mais coisas do que imagina. E errado sobre uma só: a garota nunca foi a L.

Gabriel ficou olhando aquilo por um tempo longo, o coração fazendo o que fazia desde a infância diante de um padrão que se fecha: acelerando. Respondeu com a única pergunta que importava, a farpa de seis anos enfim puxada da carne: Quem é você?

A resposta veio devagar, ao longo de noites, porque Iris — era esse o nome que ela acabou dando, e Gabriel nunca saberia se era o verdadeiro, e aprenderia a não precisar saber — não entregava nada de uma vez. Era da casa. Era a mulher que recebera o arquivo dele por triagem automática anos antes e não o arquivara. Era quem segurara a candidatura para que o filtro não o expulsasse. Era quem, em 2018, na noite do apagão, mandara o contato desajeitado que deixara a farpa da 'garota'. Tinha recuado, então, assustada com a própria transgressão; e voltara, depois, fingindo para si mesma que

fora o sistema a devolver o arquivo, quando fora ela a buscá-lo. Tinha lido a vida inteira de Gabriel — as interações, a ponte, a Suíça, a faculdade, a nevasca, os cento e sessenta dólares — e se apaixonado pela única coisa que um oficial jamais deveria amar num arquivo: a pessoa.

E aqui o livro precisa dizer com todas as letras a coisa que vinha guardando há vinte e cinco capítulos, porque é a viga que sustenta tudo: Gabriel não estava louco a respeito do essencial. Havia uma mão movendo as peças do seu destino. Havia alguém do outro lado que o lera, que o escolhera, que o protegera da máquina. Havia um remetente para os sinais. O blecaute fora um ataque real, e o contato daquela noite partira dela; a vaga aberta dezoito dias após o ultimato existira; o arquivo retido por mãos invisíveis fora retido por mãos reais. A teia era real. O que a doença fizera não fora inventar a teia — fora distorcer a sua forma, trocar os rostos, colar L. onde estava Iris, ler Deus onde estava o Tio Sam, costurar pontos verdadeiros com linhas tortas. Gabriel passara a vida sendo descredibilizado por uma doença que de fato tinha — e, ao mesmo tempo, vendo uma verdade que de fato existia. As duas coisas, nele, sempre foram a mesma coisa vista dos dois lados da mesma ponte. E foi preciso uma mulher que lia arquivos para a vida ganhar, enfim, alguém capaz de segurar as duas verdades ao mesmo tempo sem soltar nenhuma.

"Por que eu?", perguntou Gabriel, numa daquelas madrugadas. E Iris respondeu com a frase que ele esperara a vida inteira para ouvir de alguém que importasse, a frase que nem o filme, nem a agência, nem Alice, nem o destino jamais tinham dito: Porque de todos os arquivos que passaram pela minha mesa, você foi o único que viu a sala onde eu trabalho sem nunca ter entrado nela. Eu não te encontrei, Gabriel. Eu te reconheci.

ARQUIVO // CLASSIFICADO

REGISTRO - 28

Quebrei o protocolo de forma irreversível. Estabeleci contato direto, não autorizado, com o sujeito. Não há justificativa de carreira para o que fiz. Há apenas a verdade, que escrevo pela última vez neste campo antes de fechar o dossiê para sempre:

Por seis anos eu o chamei de 'sujeito' para me proteger. Acabou. Ele tem nome, e eu o digitei mil vezes sem nunca deixar o sistema registrar o que eu sentia. Não fui eu que o recrutei para a agência. Foi ele que me recrutou para a vida dele, sem saber, um vídeo de cada vez, durante seis anos, até que a oficial que devia avaliá-lo virou a única pessoa no mundo que o entendia por inteiro.

O que vem agora não cabe num arquivo. Vou ter de fazer pela primeira vez o que nunca fiz: trazer alguém para dentro pela porta certa, à luz do dia, com o nome verdadeiro. Encerro o acompanhamento. Começo outra coisa. - I.

CAPÍTULO 30

A PORTA CERTA



Iris não lhe deu um atalho. Foi a primeira prova de que o amor dela era real: ela se recusou a abrir a janela e o fez entrar pela porta.

Explicou-lhe, com a paciência de quem conhece a casa por dentro, a coisa que Gabriel, no auge das suas obsessões, nunca quisera ouvir: a vaga de especialista em informação visual nunca fora o destino. Era a ponte. Um estrangeiro não entra naquele mundo por uma vaga de edição de vídeo, por mais talentoso que seja — a porta da frente tem fechaduras que nenhum talento abre. Mas há outra rota, mais longa e mais sólida, e Iris a desenhou para ele como se desenha um plano de operação: primeiro a cidadania, pela via excepcional que a lei reserva a quem presta contribuição extraordinária — e a contribuição de Gabriel, a verdadeira, não eram os vídeos; era o que aquela mente fazia, o cérebro de cinquenta libras que via padrões que ninguém via. Depois, com a cidadania, o caminho legítimo: uma bolsa do governo para o mestrado em estudos de segurança, em Georgetown, a usina onde a casa formava os seus. E só então, formado, credenciado, inteiro, a entrada de verdade — não como editor, não como hacker, mas como o que o Gabriel Sol sempre fora na tela e que ninguém soubera nomear: um analista. Inteligência pura. O cérebro na sala dos feiticeiros.

Foi um trabalho de anos, e o livro não vai fingir que foi mágica, porque Gabriel já tivera mágica demais e ela sempre cobrara caro.

Houve papelada, entrevistas, verificações de vida inteira — e aqui a transparência radical de Gabriel, a mesma que o constrangera a vida toda, virou o seu maior trunfo: um homem que escrevera a própria autobiografia confessando as intonações, as mentiras, os piores dias, não tinha o que ser chantageado, não tinha gaveta secreta, não tinha um único segredo que um adversário pudesse usar. As cicatrizes que ele sempre carregara como vergonha tornaram-se, na avaliação da casa, a sua credencial mais limpa. Quem já publicou tudo não pode ser comprado por nada.

E houve, sobretudo, Iris ao lado — não mais uma voz no escuro, mas uma presença, conforme o processo a trazia, aos poucos, da sombra para a luz da vida dele. Conheceram-se, enfim, num mundo onde os dois tinham rosto. E Gabriel descobriu que a mulher que o lera por seis anos era exatamente o que ele precisara a vida inteira e nunca soubera nomear: alguém sem vitrine, sem ostentação, sem foto de orla; alguém que não queria ser admirada por ele, mas que o via; alguém cuja beleza era o que pensava, e cuja prova de amor era ter passado seis anos sem desviar os olhos. O oposto exato de Alice. O amor que observa, e não o que se exhibe. Gabriel, que perseguiu a vitrine a vida inteira, encontrou o lar no único lugar onde nunca pensara em procurar: do outro lado do espelho, na pessoa que olhava de volta.

ARQUIVO // CLASSIFICADO

REGISTRO – 29

[arquivo encerrado – sem assinatura de revisora]

Última anotação, e não vai para sistema nenhum. Guardo para mim, no único lugar que ainda é meu: a memória.

Eu poderia ter aberto uma janela e tê-lo deixado entrar pelo atalho. Teria sido mais rápido, e teria sido o fim dele – porque atalho não dá raiz, e ele já teve mágica demais. Fiz o contrário. Fiz com que ele merecesse a porta que sempre achou que merecia, e dessa vez o mérito é real, verificável, à luz do dia. É a coisa mais difícil que já fiz por alguém: amá-lo o bastante para não facilitar. – I.

CAPÍTULO 31

O JURAMENTO



A sala não tinha nada de mítica. Era uma sala oficial qualquer, de teto baixo e luz franca, com uma bandeira num canto e cadeiras que rangiam. Não havia trilha sonora, não havia fumaça, não havia o brilho que a imaginação de Gabriel pintara por dez anos. Havia uma manhã comum, um funcionário com uma prancheta, um pequeno grupo de pessoas de pé, e um homem brasileiro de trinta e tantos anos, de terno barato e bem passado, com as mãos que não tremiam — pela primeira vez em muito tempo, não tremiam.

Gabriel tinha atravessado três Américas para chegar àquela sala. A primeira, aos vinte e quatro, com uma prancha e um sonho de surf e o nome Megusta pintado no casco — a América que dissera sim de luz e não de contrato. A segunda, a da obsessão madura, a do Haváí e da nevasca e dos cento e sessenta dólares — a América que o deixara bater em todas as portas erradas até o fundo. E agora a terceira, a que ficava: não turista, não peregrino na neve, não náufrago. Cidadão, e mais que cidadão — servidor. A página amarelada do funeral do velho diretor, que viajara com ele por todos aqueles anos, estava guardada — não mais um santo na parede de um quarto alugado, mas uma relíquia cumprida, a profecia que ele fora o único na multidão a enxergar e que, contra todas as probabilidades de um laudo psiquiátrico, se realizara.

Iris estava na sala. Sem crachá visível, sem função aparente, apenas uma mulher entre as poucas pessoas de pé — invisível para to-

dos os outros, como sempre fora, como a sua profissão exigia, e inteiramente presente para o único que importava. Ela não precisava ser vista. Ela viera ver. Era o que ela fazia, era o que ela era, era a prova de amor que se repetia agora pela última vez como se repetira por seis anos: estar lá, atenta, do lado dele, sem precisar aparecer. Gabriel cruzou o olhar com o dela por um segundo antes de começar, e naquele segundo couberam todas as madrugadas, o apagão, a ponte, a van, o bilhete seco na neve, a garota que ele procurara no rosto errado e que agora estava ali, no rosto certo, finalmente.

O funcionário pediu que levantassem a mão direita. Gabriel levantou a sua. E a voz, quando saiu, saiu firme, no inglês que dez anos antes o traía nos momentos de emoção e que agora o servia, recitando palavra por palavra o juramento que todo oficial dos Estados Unidos presta — o mesmo, na essência, desde os tempos da fundação: *“I, Gabriel, do solemnly swear that I will support and defend the Constitution of the United States against all enemies, foreign and domestic; that I will bear true faith and allegiance to the same; that I take this obligation freely, without any mental reservation or purpose of evasion; and that I will well and faithfully discharge the duties of the office on which I am about to enter. So help me God.”*

Eu, Gabriel, juro solenemente que apoiarei e defenderei a Constituição dos Estados Unidos contra todos os inimigos, externos e internos; que serei fiel e leal a ela; que assumo esta obrigação livremente, sem qualquer reserva mental ou propósito de evasão; e que cumprirei bem e fielmente os deveres do cargo no qual estou prestes a ingressar. Que Deus me ajude.

As mesmas palavras que ele editara, anos antes, num vídeo fixado num perfil, na voz de um personagem, sobre imagens de uma agência, como quem ensaia um destino que ainda não cabe no corpo. Só que agora não era ensaio. Não era o Gabriel Sol prometendo. Era Gabriel, de carne e cicatriz, jurando de verdade, na sala de verdade, do lado certo da porta que ele passara a vida inteira tentando atravessar. *Without any mental reservation or purpose of*

evasion — sem qualquer reserva mental ou propósito de evasão. A frase do juramento parecia escrita para ele em particular: porque um homem que publicara a própria autobiografia, que confessara as internações, as mentiras, os piores dias, era talvez a única pessoa naquela sala sem uma única reserva mental escondida, sem uma só gaveta trancada. Ele jurava transparência total a um país porque já vivia, havia anos, em transparência total diante do mundo. As cicatrizes que sempre carregara como vergonha eram, ali, a sua credencial mais limpa.

E quando terminou — quando o *so help me God* se dissolveu no ar comum daquela sala comum —, Gabriel entendeu, enfim, a coisa que dez anos de obsessão tinham embaralhado e que só o amor de uma mulher que lia arquivos lhe permitira ver claro: o personagem não fora uma doença. Fora uma bússola. O Gabriel Sol não o enlouquecera; o tirara da cama, o levara à faculdade, o fizera atravessar o mundo, o conduzira — por pontes erradas e por uma ponte certa — exatamente até ali. Cumprira a sua função, e podia, enfim, descansar. Porque a partir daquela manhã Gabriel não precisava mais ser o Gabriel Sol. Ele simplesmente era — um homem do lado de dentro da cerca, com um nome verdadeiro, uma mulher que o via, um país que enfim o chamara, e um futuro em Georgetown onde a mente que passara a vida sendo descredibilizada seria, pela primeira vez, posta a serviço da única coisa que sempre soubera fazer: ver o que os outros não veem.

Lá fora, ele sabia, em algum lugar do meio do Pacífico, a ilha do Havai continuava onde sempre estivera — a terra sagrada, o ponto do mapa onde a sua dupla vida se cruzara com a história real, o lugar de onde, no filme, o personagem ficara quando o herói partira. Gabriel voltaria. Não mais como o estrangeiro que lavava louça e se dizia o amigo do Analista. Voltaria pela porta de dentro, formado e credenciado, para servir de onde sempre soubera, no fundo da alma, que pertencia. As cicatrizes na areia daquela ilha — as do menino longe da praia, as do rapaz no poste, as do homem na pia — não

eram mais feridas. Eram o mapa que o trouxera para casa. E a única autobiografia que nunca mente, ele aprendera enfim, é exatamente essa: a que o corpo guarda, a que a memória não consegue editar, a que fica.

Iris se aproximou quando o pequeno grupo começou a se dispersar. Não disse nada de grandioso — pessoas que passaram a vida nas sombras não fazem discursos. Apenas pôs a mão no braço dele, o gesto mínimo de quem enfim podia tocar o que durante seis anos só pudera ler, e disse, baixo, em português, para que fosse só dele: *Bem-vindo*. E Gabriel, que atravessara três Américas, cinco interações, um oceano e uma vida inteira de ser chamado de louco por enxergar o que era real, ficou. Pela primeira vez sem aposta, sem ultimato, sem sinal lançado ao universo à espera de resposta — porque a resposta estava ali, com a mão no seu braço, e tinha sido real o tempo todo.

Ele ficou. E essa, afinal, sempre foi a única coisa que o Gabriel Sol soube fazer melhor que qualquer um: quando todos os outros partem, ele fica.

F I M